



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TAISE REIS DA TRINDADE

**BASE TRIANGULAR: CAPOEIRA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Jacobina

2014

TAISE REIS DA TRINDADE

**BASE TRIANGULAR: CAPOEIRA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física sob a orientação da Prof.^a Esp. Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim

Jacobina

2014

TAISE REIS DA TRINDADE

**BASE TRIANGULAR: CAPOEIRA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Aprovada em _____

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Esp. Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^o Ms. Angelo Maurício de Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^o Esp. Salomão Cleômenes L. Costa
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde, sabedoria e discernimento durante a trajetória acadêmica possibilitando-me a concretização deste tão desejado sonho.

A minha família, pai, irmãos e principalmente **minha mãe**, Cleide, com seu apoio incondicional em todos os momentos durante esta longa caminhada e que mesmo distante sempre esteve do meu lado, com seu amor e carinho. Obrigado por ser minha mãe, minha heroína, minha fonte de inspiração, meu pilar central...

A Todos os professores, em especial, Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim, que me acompanhou, orientou, norteou, durante essa caminhada, me irrigando com ensinamentos que vão muito além dos pedagógicos, e que com certeza se tornaram frutos.

Aos colegas e amigos do curso, que apesar de nossas diferenças estivemos sempre juntos, sempre se preocupando uns com os outros. Em especial a turma 2010.1 que me adotou de tal forma que me sinto membro dessa turma.

As minhas parceiras, Edileuza e Luzenir, por me mostrarem que um encontro na sala de aula pode ultrapassar os limites da universidade; e a Arlania, Kilvia, Gleiciane, Jálícia, por me apresentarem um estudo descontraído, leve, conciliado com o bom da vida. Adoro Vocês!

A Ranielle (Rani), por ter sido o meu primeiro apoio neste universo acadêmico, e com sua doçura, carinho e jeitinho peculiar, me apresentou da melhor forma possível à capoeira.

Contudo, dedico este trabalho especialmente à pessoa que no início, meio e fim sempre esteve comigo, minha mãe, Cleide; e a duas pessoas que mesmo não estando mais entre nós, me apoiaram no início de tudo: tia Laudelina (kininha), meu avô Admário (Sinhô), saudades. Serei eternamente grata por tudo e comprometo-me a fazer tudo ter valido apenas.

Criar uma nova cultura não significa, apenas, fazer, individualmente, descobertas “originais”. Significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, socializá-las por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elementos de coordenação e de ordem intelectual e moral. (GRAMSCI, 1984 *apud* BAHIA, 1994).

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um estudo a respeito do conhecimento da capoeira e suas implicações na Educação Física e no contexto escolar. Tem como objetivo analisar as contribuições do conhecimento capoeira na prática pedagógica nas aulas de educação física do ensino fundamental I. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, do tipo descritivo e os procedimentos para levantamento de dados ocorreu por meio de artigos científicos, monografias e dissertações digitalizadas. Efetivou-se com este estudo um apanhado de autores com abordagens pedagogicamente distintas, que discorrem sobre o tema proposto, com argumentos, ideias, colocações, como as de Campos (2001) e Brasil (2014), com atuação de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor da criança, procurando alcançar uma resposta ao problema colocado na pesquisa. Priorizou-se na investigação algumas conexões entre Educação Física, Ensino Fundamental I e a Capoeira; o que desencadeou numa amostragem das contribuições da capoeira, como conteúdo pedagógico na educação física, por meio de uma discussão embasada nos objetivos e conteúdos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Concluiu-se que o conhecimento da capoeira sendo analisada e contextualizada de maneira (teórica e prática) e de forma continuada, pode contribuir significativamente como recursos pedagógicos com elementos corporais, rítmicos, musicais, históricos e culturais.

Palavras-chave: Educação Física. Capoeira. Ensino Fundamental I.

ABSTRACT

This research is a study about the knowledge of Capoeira and its implications in physical education and school context. Aims to analyze the contributions of knowledge capoeira in pedagogical practice in physical education classes of elementary school I. This is a bibliographic research, qualitative, descriptive and procedures for data collection occurred through scientific articles , monographs and dissertations scanned. Was carried out through this study an overview of authors with different pedagogical approaches, which discussed the theme, with arguments, ideas, settings, such as the Campos (2001) and Brasil (2014), with directly and indirectly acting on all cognitive, affective and psychomotor child, trying to reach an answer to the problem posed in the survey. Was prioritized in research some connections between physical education, elementary school and Capoeira; which triggered a sampling of capoeira contributions as educational content in physical education, through a discussion grounded in the objectives and contents offered by the National Curriculum Parameters (PCN's). It was concluded that knowledge of capoeira being analyzed and contextualized so (theoretical and practical) and continuously, can contribute significantly as teaching resources with body elements, rhythmic, musical, historical and cultural.

Keywords: Physical Education. Capoeira. Primary school I.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	9
1.1 METODOLOGIA-----	12
1.2 ENTENDENDO OS CAPÍTULOS -----	14
2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS -----	17
2.1 EVOLUÇÕES HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MEIO ESCOLAR-----	18
3 CAPOEIRA: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS -----	26
3.1 HISTORICIDADE: COMO TUDO COMEÇOU?-----	28
3.2 CAPOEIRA - FORMAS DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL E OS ENLANCES COM A ESCOLA-----	35
4 ENSINO FUNDAMENTAL I E CAPOEIRA: LEGISLAÇÃO E PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA -----	42
4.1 LEI 10.639/03 E A CAPOEIRA-----	44
4.2 CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE ENSINO FUNDAMENTAL I -----	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	59
REFERÊNCIAS -----	61

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto de um trabalho de conclusão de curso, que se propõe a contextualizar a capoeira no espaço escolar. Visto que, a capoeira enquanto prática cultural passou por momentos difíceis ao longo da sua história, principalmente meados do século XIX e início do século XX, isso por estar à história do negro correlacionada, com momentos históricos, políticos e econômico do Brasil neste período (CARVALHO, 2007).

Em meio à vida dos negros estava à capoeira, usada ora para fugir da escravidão (como defesa pessoal), ora como símbolo de resistência às situações sociais que eles se encontravam (defesa de ideais); condições sociais que colaborou para as diversas perseguições à capoeira, levando-a a ser criminalizada e submetida ao código penal em 1890, mas após interesses distintos foi legalizada, seguindo por caminhos que a levou a um ensino sistematizado, por volta da década de 1930, sendo praticada por membros de várias classes sociais; uma abertura para difundir o reconhecimento à capoeira (SILVA, 2002; ABIB, 2004; CAMPOS, 2009). Por fim, ela perpassou a todas as adversidades, foi vista, pensada e praticada de diversas formas, se ajustando aos momentos político-sociais do país.

Atualmente busca-se pensar e praticar a capoeira pedagogicamente no universo da educação formal. E estando esta Educação dentro de um amplo sistema, a qual é constituída por imenso conjunto de escolas denominado sistema escolar. É preciso para assegurá-la e normatizá-la, uma legislação igualmente ampla (MARANHÃO, 2007). Ao abordar orientações curriculares na Educação formal, pode ser mencionado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que propõe ao ensino fundamental I, a aprendizagem sobre o conhecimento e valorização de aspectos socioculturais brasileiros e de outros povos e nações (BRASIL, 1997). Há ainda a Lei 10.639/03 (BRASIL, 1996), que refere como obrigatório o ensino sobre a história e cultura africana e afro-brasileira nas redes de ensino.

Então, diante dos pontos colocados acima, o presente estudo desenvolveu uma pesquisa, onde o foco imprescindível é **o Conhecimento Capoeira na prática pedagógica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I**. A partir

dessa delimitação temática foi traçado um caminho metodológico para alcançar resposta à pergunta norteadora: **Quais contribuições do conhecimento Capoeira na prática pedagógica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I?** E para colaborar na obtenção da resposta foram traçados objetivos, a começar pelo geral: **Analisar as contribuições do conhecimento capoeira na prática pedagógica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I.** Além do objetivo citado, foram também delineados objetivos mais específicos como: apresentar considerações históricas da educação física e da capoeira; relatar o respaldo legal para a inserção da capoeira como conhecimento nas aulas de educação física do ensino fundamental I; e evidenciar a relevância integral da capoeira na educação física do ensino fundamental I.

Assim, levada por um sentimento pessoal de ver na realidade local, uma capoeira desenvolvida pedagogicamente na educação formal, de forma contínua; esperando perpassar a fatos como o concluído em alguns estudos, ao apontar uma estereotipagem negativa ou repressão, dada a cultura africana e afro-brasileira (SILVA, 2011; FRANK, 2007; BRASIL 2014; BONFIM, 2012). E também por vê-la como uma possibilidade de diversificar as aulas de Educação Física de uma forma produtiva, prazerosa. Já socialmente, a pesquisa pode ser uma fonte de informações sintetizada com as contribuições possíveis da capoeira no desenvolvimento das crianças; além de buscar o interesse de se possibilitar a todos a capoeira por completo, deixando de ser restrita à projetos extracurriculares ou a prática em grupos ou academias.

Academicamente falando, após levantamentos foi verificado que até o momento na biblioteca do campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) a disponibilidade de pesquisas desenvolvidas especificamente, no curso de educação física na área da educação, é mínima; mesmo tendo sido, durante as consultas de alguns materiais, constatado que muito se tem pesquisado na área, especificamente, referente às conexões da capoeira como conteúdo pedagógico na educação formal (HIENE, CARBINATTO E NUNOMURA, 2009; CAMPOS, 2001); o que ratifica a relevância de transcorrer as pesquisas e significá-las na prática. Podendo a pesquisa, servir como fonte de informações presente no banco de dados do campus, auxiliando e estimulando pesquisas futuras.

Enfim, é preciso estar consciente que em algumas realidades, ainda hoje se nega ou ignora na educação escolar a existência de um rico conjunto de repertórios culturais afrodescendentes (nesse caso a capoeira) (FRANK, 2007; NORONHA E PINTO, 2004). Logo, a pesquisa aqui apresentada aponta que o conhecimento capoeira se analisada e contextualizada de maneira (teórica e prática) e de forma continuada, pode contribuir significativamente como recursos pedagógicos, pois detém elementos corporais, rítmicos, musicais, históricos e culturais. Embasando-se nos conteúdos determinados pelo PCN's, a capoeira pode cumprir prontamente a tarefa pedagógica, contribuindo com a formação ou/e desenvolvimento das crianças atendidas no ensino fundamental I.

1.1 METODOLOGIA

Uma pesquisa desenvolve-se, segundo Gil (2007), ao longo de um processo, que vai envolvendo inúmeras fases, utilizando a metodologia científica, permitindo assim a aquisição de novos conhecimentos da realidade. E dentro desse processo, uma das fases que vai determinar a linha de pesquisa, ainda segundo o autor mencionado, é a metodologia.

Logo, é de extrema necessidade, ter uma definição clara de qual metodologia seguir durante o processo de pesquisa. Então, levando em consideração os objetivos propostos na investigação, o estudo aqui realizado é de natureza qualitativa, pois assim como diz Lakatos e Marconi (1991), esta permitirá ao pesquisador interpretar os fatos com um caráter mais subjetivo, tentando assim trazer uma solução ao problema colocado.

Quanto ao seu objetivo, esta pesquisa, caracteriza-se descritiva de acordo com Barros (2000), pois para ele, esse tipo de estudo vai possibilitar ao pesquisador meio para procurar descobrir a constância com que determinado fenômeno ocorre e também a sua natureza, características, causa, e ainda as relações e conexões deste objeto com outro fenômeno.

Já dentro de um delineamento para de fato pontuar o estudo, esta investigação se emoldura numa pesquisa bibliográfica, por serem as fontes de informações consultadas, baseadas em materiais já elaborados; a exemplo: livros e artigos científicos. Desse modo, de acordo com Lakatos e Marconi (1991) o estudo bibliográfico permite que o pesquisador entre em contato direto com o que já foi estudado, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive com o que há de mais atual sobre o tema.

Os procedimentos seguidos para o levantamento de dados ocorram da seguinte forma: recorrendo a artigos científicos, monografias e dissertações digitalizadas, disponíveis na internet nos sites das revistas digitais, a exemplo: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Motrivivência, Revista Digital EFDeportes, Revista Vozes dos Vales da UFVJM, Revista da Educação Física/UEM,

Revista Pensar a Prática. Para sintetizar a busca, foram levados em conta alguns critérios, pois só ficaram computados no banco de dados, artigos, monografias e dissertações digitalizadas que a princípio, tinham como título algo direcionado ou com proximidade (a exemplo conter relação com as palavras-chaves da pesquisa) ao objeto de estudo da pesquisa. Neste momento realizou-se uma leitura exploratória, que para Gil (2002, p.77): “Esta é uma leitura do material bibliográfico que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa”, ou seja, uma leitura mais superficial, lendo apenas os títulos dos textos.

Posteriormente foram selecionados os títulos que interessava; destes fez-se uma leitura mais detalhada, passando a vasculhar agora o resumo, lendo-os com um olhar mais direcionado. Esse procedimento Gil (2002) diz ser uma leitura seletiva que precede à leitura citada anteriormente. Através desta determinou-se o material que de fato interessava a pesquisa, textos que melhor contribuiria para alcançar os objetivos propostos no estudo.

E por fim, uma leitura mais profunda, esmiuçando informações que fornecesse respaldo para o problema ou nas palavras de Gil (2002, p.78) uma leitura analítica que tem como finalidade: “[...] ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa”.

Além disso, foram consultados livros e monografias (impressas e em cds) da Biblioteca pública da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV, este não tiveram a delimitação de título ou área; porque o interesse foi obter através destes, algumas informações relacionadas ao objeto de estudo proposto na pesquisa, podendo ser até mesmo livros de áreas diferentes à área da Educação Física, desde que viessem a contribuir com a pesquisa.

As análises das informações, ocorrerem no sentido de interpretação, embasando-se nas consultas feitas, onde foram buscadas opiniões, ideias, relatos de autores e/ou pesquisadores, que resultou numa amostragem da potencialidade de contribuição do conhecimento capoeira, embasando-se essencialmente nos objetivos e conteúdos postos ao ensino fundamental I.

Em relação a esse procedimento Minayo (1999) vai falar que essa fase tem como finalidade a compreensão dos dados coletados, e também confirmar ou não, hipóteses (quando há) respondendo a questão colocada, bem como articular esse conhecimento obtido com o contexto da qual da pesquisa faz parte. Visto que, a metodologia contribuiu para se alcançar tantos os objetivos, como o problema colocado na pesquisa.

1.2 ENTENDENDO OS CAPÍTULOS

Neste momento, com o intuito de facilitar a compreensão das exposições apresentadas na pesquisa, é situado como foi estruturado os capítulos teórico, a ideia central de cada e os autores citados nos mesmos.

O marco teórico da pesquisa foi estruturado da seguinte forma: **2 Educação Física na escola: considerações históricas**, neste capítulo ocorreu a princípio, exposição de algumas ideias sobre o que é a Educação Física, na visão de determinados autores, não com a intenção de trazer verdades determinantes, mas simplesmente expor ideias. O capítulo contém um tópico 2.1 evolução histórica da Educação Física no meio escolar, para completar uma compreensão sobre a Educação Física, nele há momentos históricos dela no Brasil, mas algo breve, sucinto, pontuando como marco o período da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, priorizando alguns fatos da sua inserção no meio escolar. Para esta discussão utilizamos os autores base: Oliveira (2008); Ghiraldelli (1998) Grespan (2002). E citando os seguintes: Betti e Zuliani (2002); Marco (1995); Scarpato (2007); Melo e Souza (2010), Soares (1994); Magalhães (2005); Silva (2001); Costa (2005); Darido (2003; 2008); Brasil (1996); Leme (2010); Melo e Souza (2010) Freire (1997);

A intenção como essa parte da pesquisa é compreender os caminhos históricos da Educação Física no meio escolar, procurando expor as heranças enraizadas que influenciam sua efetiva atuação, ou seja, fatos que priorize a sua trajetória enquanto disciplina na escola.

O capítulo seguinte, **3 capoeira: considerações históricas**, teve um tratamento similar ao capítulo anterior, pois, primeiramente foram expostas as opiniões de autores sobre uma significação para a capoeira. Este capítulo foi dividido em dois tópicos, o primeiro: 3.1 historicidade: como tudo começou? Buscando a historicidade da capoeira, porém, não se trata de um histórico extenso; e o último tópico do capítulo: 3.2 Capoeira - formas de manifestação cultural e os enlaces com a escola, ocorre uma explanação da capoeira enquanto manifestação cultural, luta, dança e esporte e como isso tudo é visto e/ou pode contribuir no meio escolar.

A principal ideia com esse capítulo é exibir questões que contribuam para um entendimento do quanto é necessário se ter na escola uma capoeira por completo, indo desde pontos como a compreensão do que é a capoeira, seu histórico e passando pelo impasse em relação os elementos característicos que a ela é atribuído como: luta, dança, jogo, esporte... Enfim, a capoeira de forma integral. O embasamento destas questões ficou por conta de autores e/ou pesquisadores como: Silva (2003); Abib (2004, 2005); Campos (2001, 2009); Brasil (2014). Recorrendo à: Karniol (2008); Kunz (2006); Darido (2008); Silva (2001, 2002); Bonfim (2012); Castro Júnior, Abib e Sobrinho (2000); Noronha e Pinto (2004); Palhares (2012); Hiene, Carbinatto e Nunomura (2009); Castro Júnior e Sobrinho (2002); Junqueira e Araújo (2003); Frank (2007); Carvalho (2007).

No último capítulo teórico: **4 Ensino Fundamental I e Capoeira: legislação e perspectivas pedagógicas para as aulas de Educação Física**, inicialmente uma familiarização com colocações sobre o ensino fundamental I, bem como sua importância no desenvolvimento do indivíduo; seguido do primeiro tópico: 4.1 Lei 10.639/03 e a capoeira, tentando através dos posicionamentos dos autores, compreender um pouco a evolução ocorrida até se concretizar a Lei 10.639/03 e como fica a capoeira perante essa. Já no tópico: 4.2 Capoeira nas aulas de Educação Física de ensino fundamental I é feita a conexão entre a capoeira, com os conteúdos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para Educação Física do Ensino Fundamental I.

A intenção central com esse capítulo é buscar o que os PCN's estabelecem para ser aplicados na Educação Física no Ensino Fundamental I, e a partir daí fazer

vinculações de como o conhecimento capoeira pode contribuir diante dos conteúdos ou dos objetivos propostos pelo PCN's; além de expor meio de implementar a capoeira no meio escolar através da legislação vigente. A responsabilidade de embasar esta parte ficou por conta de: Brasil (1997); Santos (2007); Campos (2001); Grespan (2002); Frank (2007); Freire (1997). Mais colocações colaborativas com: Boulch (1982); Leme (2010); Brasil (1996); Costa (2014); Betti e Zuliane (2002); Roncuni (2013); Goulart (1983); Marco (1995); Hiene, Carbinatto e Nunomura (2009); Brasil (2014); Castro Júnior (2002); Noronha e Pinto (2004); Bonfim (2012). Assim, sendo vamos ao desenvolvimento do quadro teórico da pesquisa.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

É interessante trazer inicialmente colocações sobre o tema a ser tratado antes de sua exposição; se possível uma conceituação ou definição; uma contextualização para assim facilitar a compreensão do assunto que será tratado. Para tal, a fala de alguns autores sobre seu entendimento ou posicionamento em relação à Educação Física será utilizada.

Para Betti e Zuliani (2002, p. 73) “A Educação física é uma expressão que surge no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a educação”. Ou ainda: “O termo educação física significa, antes do mais, o processo unitário de observação do físico, enquanto possível de ser educado”. (TOJAL, 1995, p. 140). Já do ponto de vista de Soares (1994, p. 136) a educação física é: “[...] uma prática social que trata de um dado conhecimento que se enraíza na atividade humana numa área que pode ser denominada de cultura corporal”. São três colocações que nos faz refletir sobre o que é a Educação Física; contudo, é extremamente necessário compreendê-la além.

Desse modo, Grespan (2002) traz outra informação, onde fica claro que para entendê-la será necessário ir além da busca por respostas somente no próprio termo; a autora diz que a Educação Física, dentro da sua contextualização histórica vai acompanhar os interesses de cada época, logo, se muda o contexto histórico, vai mudar a concepção ou definição do que é a Educação Física. O pensamento de Grespan (2002) pode se resumido em: “a Educação Física existe em função do homem, enquanto ser individual e social.” (OLIVEIRA, 2008, p.86).

Portanto, as palavras de Grespan (2002) e Oliveira (2008), nos remete que precisamos também analisar o contexto atual a qual a educação física estar. Logo, se o propósito é entendê-la na atualidade, Scarpato (2007), relata que a Educação Física tem como objetivo buscar o desenvolvimento da cultura corporal, ou precisamente a cultura corporal do movimento, onde a prática do ensino da mesma proporcione aos alunos ações que estimule e exercite sua autonomia diante do fenômeno da cultura corporal. A colocação de Scarpato (2007) leva a concluir que

esse entendimento é para a educação física no meio escolar. E ratificando tal compreensão, Melo e Souza (2010), a menciona dentro da escola como uma área da cultura corporal, que por ventura tem como meta introduzir e integrar o aluno nessa esfera, para propiciar a formação de um cidadão autônomo, capacitando o aluno para usufruir de jogos, esporte, danças, lutas, ginásticas e de todo tipo de atividade colabore no seu desenvolvimento, sempre em busca de bem-estar e crescimento saudável.

Então, com base nos autores consultados e citados acima, conceituar o que é Educação Física não uma tarefa nada fácil, tanto que ao se referi a está, eles procuram sustentar suas falas a partir dos objetivos ou função que é dada a Educação Física naquele momento ou ainda de acordo com a abordagem seguida por cada um. Contudo, é possível perceber na fala dos autores, independente da concepção seguida, a importância da Educação Física na escola, desenvolvida atendendo a requisitos que proporcione aos alunos, formação autônoma, contribuindo não apenas em aspectos motores, mas no desenvolvimento integral.

Dentre as colocações mencionadas acima podemos apontar a necessidade do conhecimento espaço temporal, como essencial para a compreensão da educação física; logo, um meio facilitador nesta questão é o conhecimento histórico, ou seja, a trajetória histórica da educação física pode ajudar a esclarecer muitos fatos. Desse modo, será exposto alguns fatos referentes a evolução histórica da Educação Física no meio escolar, os caminhos seguidos por ela na educação brasileira.

2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MEIO ESCOLAR

Há autores que toma como marco para falar da história da educação física, o período pré-histórico, pois dizem que os povos primitivos ao realizarem ações para sua sobrevivência e subsistência, recorriam às atividades físicas. Já no Brasil, Oliveira (2008), diz que os índios (considerados primeiros habitantes do país) utilizavam-na igualmente aos primitivos citados acima. Mas o autor narra que o início

oficial da história da educação física brasileira se concretizou apenas após a chegada dos jesuítas em 1549; pois estes dentre suas atividades religiosas e educativas, disponibilizam um período para que os índios realizassem exercícios físicos com o objetivo de amenizar as tensões que lhes eram atribuídas. Porém, mesmo estando os jesuítas envolvidos com a educação brasileira por séculos, isso em nada resultou em iniciativas para a educação física.

As colocações de Oliveira (2008), só reforçam que mesmo tendo relatos evidenciando atividades físicas ainda nos primórdios; as relações educação física e escola somente foram constadas muito tempo depois. O que de certa forma justifica a escolha de um marco histórico onde é mais demonstrado o envolvimento da educação física no meio escolar. Uma vez que, para a pesquisa é melhor determinar um ponto onde temos claramente na história o enfoque educação física e escola. Assim sendo, o marco histórico escolhido é a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil.

Mesmo sendo considerado por Oliveira (2008) como o momento “real” do início da história da educação física no país, o acontecimento histórico da Família Real no Brasil em 1808 traz um fato no mínimo curioso, pois, a partir de então passou a existir uma atenção em relação ao ensino superior, mesmo não tendo se quer estruturado no país os ensinamentos primário e médio. É na fase imperial que se tem relatos de tentativas de organizar o sistema educacional brasileiro; foi neste período que algumas reformas educacionais ocorreram, procurando amenizar o caos que já existia na educação da época (OLIVEIRA, 2008).

Foi neste momento que ocorreram alguns fatos de destaques para a Educação Física, como: A chegada dos primeiros livros de educação física no Brasil; a ginástica é incluída no currículo da instituição escolar; e também o começo da obrigatoriedade de ginástica pela legislação nas escolas da corte (Rio de Janeiro); é ainda no final dessa fase imperial que se adota o método de ginástica alemã nas escolas. Este último fato é causador de reações naqueles que viam a Educação Física no meio escolar como algo além de instrumento para adestrar o físico. Porém, mesmo com todos os esforços para incluir a educação física nas escolas, durante o império, não houve incitações pedagógicas para os exercícios físicos.

Para que ocorresse evolução na educação física brasileira (meados do século XIX), foi útil a influência de duas tendências: a médica e a militar; a última, uma influência duradoura, tanto que os oficiais do exército eram os professores de Ginástica das escolas brasileiras de ensino fundamental, e também os primeiros a formarem mestres de ginástica, foram eles que desenvolveram primeiramente o método alemão (como dito antes) e depois o francês, aplicando-os aos estudantes (MAGALHÃES, 2005; OLIVEIRA, 2008; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1998).

Porém, como afirma Soares (1994), as ginásticas ensinadas às crianças e jovens brasileiras começaram a ser analisadas de forma crítica pelos pedagogos da época. Rui Barbosa é um dos grandes nomes que pode ser lembrados; ele questionava os métodos que vinha sendo desenvolvidos e defendia o método sueco como o melhor a ser aplicado nas unidades de ensino. Então, em 1882 com uma reforma através de parecer a favor da integração da ginástica ao currículo da escola, recomendava que a ginástica fosse: para ambos os sexos, mas com distinção (separados por sexo); que tivesse obrigatoriedade no jardim da infância, como também nas escolas primárias e secundárias; que fosse ministrada por professores qualificados; e ainda que estes fossem valorizados; que os exercícios fossem três vezes por semana (30 minutos de duração) e que as escolas habilitassem os professores para o ensino da ginástica (OLIVEIRA, 2008; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1998).

É preciso concordar e reconhecer o que diz Oliveira (2008, p. 54): “[...] Rui Barbosa adianta-se, em muitos anos, aos que pensavam sobre o assunto no Brasil”. Com essa afirmação, há espaço para uma ressalva: fica clara, explicitada, confirmada o quanto é importante e enriquecedor conhecer a história de tudo, isso porque o passo dado por Rui Barbosa, ainda segundo Oliveira (2008), ocorreu depois de realizar uma rigorosa e exaustiva análise da história da Educação Física; e se na época tal atitude parecia utopia, hoje ao ler tal fato parece que na verdade ele estava prevendo questões futuras. Contudo, fica também um alerta: por que ainda hoje buscamos ter na maioria das realidades coisas que são desejadas e objetivadas desde 1882 nas exigências relatadas por Rui Barbosa?

Todavia, ainda não foi esse o momento de mudanças mais profundas na educação física escolar, uma vez que ainda podem ser relatados tantos outros fatos

importantes nessa história. A exemplo, abolição e a Proclamação da República, marcos tidos como momentos decisivos para Educação Física, principalmente pela busca da Educação Física mais sistematizada; ou ainda o futebol que chega ao Brasil em 1894, que se tornou uma monocultura esportiva; e também a defesa do professor Artur Higgins do método sueco na Educação Física escolar, por volta da década de 1890 (método esse que juntamente com o alemão foram desbancados em 1921); a introdução do método francês como obrigatório no meio escolar em 1931 (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1998), que segundo Oliveira (2008), seria usado até ser criado um método nacional.

Na década de 1930 a Educação Física recebe incentivos principalmente do esporte, que surge com uma narrativa puramente esportivizada, onde o futebol monopolizou o esporte nacional, um forte meio de divulgação nacionalista tanto que o esporte de alto rendimento fez com que o Brasil se projetasse como potência do esporte. Um momento histórico do país que era puro nacionalismo, passando a Educação Física a ser usada (mais uma vez) como um instrumento ideológico. E devido esse patriotismo, mais precisamente durante o Estado Novo, o então presidente, buscava um método genuinamente brasileiro, sem influência de outros países e que representasse a cultura popular do Brasil.

Foi nesse momento histórico do Brasil, para Silva (2001), que começou o envolvimento da capoeira com a educação física, pois, estas se cruzam de forma mais contundente; com a cogitação de criar um método legitimamente nacional; neste período até propôs um método baseado na capoeira. Isso porque este método estaria dentro da ideologia do presidente Getúlio Vargas, seria uma atividade puramente brasileira que permitiria uma recuperação e valorização do sentimento nacionalista, além de ser apoiada pela grande massa popular da época. Esse desejo de Vargas pode provavelmente ter se concretizado devido à exibição realizada por Mestre Bimba e seus alunos ao presidente; pode-se cogitar também que essa tenha sido a intenção por parte do mestre, com a apresentação, visto que, relatos históricos mencionam que Bimba almejava altos destaques e reconhecimento para a capoeira. Veremos melhor as intenções de mestre Bimba para com a capoeira no capítulo seguinte.

Outro fato importante ocorreu ainda neste período, uma vez que, no final do Estado Novo, o Brasil contou com uma abertura para discussões de ideias liberais. E segundo Costa (2005, p.3):

Neste contexto, foi elaborado o projeto da primeira Lei de Diretrizes e Bases que foi votada e aprovada em 1961, época na qual a educação física foi também influenciada pelas idéias da Escola Nova e teve caráter eminentemente pedagógico, com idéias de promover a formação integral, sendo o esporte um meio de educação.

Baseado em todos esses fatos relatados e tantos outros, fica evidente como as transformações na área de educação física e principalmente desta no meio escolar, tem certa lentidão em acontecer. Logo, conclui-se que não devemos nos desesperar ao perceber que as mudanças tão urgentes, parece não ter (por motivos muitas vezes enigmáticos) tanta urgência em se efetuar.

Imaginem como estaria o cenário de educação física na escola, se pessoas como Rui Barbosa não tivesse tomado uma postura, mesmo quando todos acreditavam ser pura fantasia? Perceba a última citação, o projeto da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi aprovado em 1961, para somente décadas mais tarde entra em vigor. O que nos remete certo retardo em relação às leis normalizadoras da educação brasileira.

Retornando a nossa cronologia histórica, aconteceu tal qual fez Rui Barbosa no século anterior, precisamente no final da década 1970 e início dos anos 80, houve reações e manifestações por parte de alguns pedagogos da época que se mostravam incomodado e insatisfeito com a forma como a educação física era abordada nas escolas; ou como relata Ghiraldelli (1998, p.45): “[...] configurou-se a necessidade de uma mudança de rumo na Educação Física brasileira”. Lembrando que a escola nesse período tinha como modelo o esporte de alto rendimento, que passou a ser fortemente criticado e como alternativa a essa crítica surgiram novas formas de pensar a educação física na escola. Transformados em exposições esses atos, resultou um período de crise que culminou com o lançamento de diversos livros e artigos que buscavam, além de criticar as características reinantes na área,

elaborar propostas e pressupostos que viesse a tornar a educação física mais próxima da realidade e da função escolar (DARIDO, 2003).

Devido a isso surgem movimentos na Educação Física, tanto em oposição, como também tentando romper com o modelo existente na escola que eram das concepções: mecanicista, esportivista e tradicional. Então em meio às manifestações realizadas vão surgindo novas concepções. E em relação a elas Darido (2008, p.6), menciona:

Humanista, Fenomenológica, Psicomotricidade, baseada nos Jogos Cooperativos, Cultural, Desenvolvimentista, Interacionista-construtivista, Crítico-superadora, Sistêmica, Crítico-emancipatória, Saúde Renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's/ Brasil, 1998), além de outras.

É preciso ressaltar, quanto a essas novas concepções, que não surgiram ao mesmo tempo ou no mesmo momento na história da Educação Física, mas cada uma foi originando-se através da necessidade de complementação ou devido insatisfação à anterior. Ou seja, a variação destas concepções dependia do contexto nacional político/social a qual se encontrava a Educação Física. Fatos que pode ser percebido não apenas nas concepções referidas por Darido (2008), mas, também na classificação das tendências e correntes dada por Ghiraldelli (1998) à educação física brasileira, onde cada uma iria atender às necessidades político-sociais do país. A educação física higienista, agia como projeto de assepsia social; já a educação física militarista, impôs à sociedade padrões de comportamento estereotipados, conduta disciplinar; ou ainda a educação física pedagogicista, que buscava uma prática educativa através da educação do movimento, capaz de promover a educação integral; a educação física competitivista que caracteriza a competição exacerbada e superação individual cultuando o atleta-herói; e por fim, a educação física popular que assume o papel da ludicidade e cooperação dos trabalhadores, sendo representada como a solidariedade operária.

É importante entender que os objetivos e as propostas educacionais da educação física escolar foram se modificando ao longo dos últimos anos, e todas essas tendências ou concepções, de algum modo, ainda hoje, assim como afirma

Ghiraldelli (1998) influenciam a formação do profissional e suas práticas pedagógicas dentro da escola. Desta forma, é preciso perceber que na educação física, assim como em outras componentes curriculares, não existe uma única forma de pensar e programar a disciplina na escola. Até porque mesmo depois das mudanças buscadas e outras alcançadas, ainda é muito complexo chegar à conclusão para uma identidade da área de conhecimento da educação física escolar.

Em relação a essa dificuldade, há autores que a relacionam: “A enorme variedade de abordagens sobre a educação Física dificulta o estabelecimento dos seus objetivos”. (OLIVEIRA, 2008 p. 103). Ou seja, essa variação de abordagens podem trazer mais complicações do que contribuição para educação física no meio escolar. E para incrementar, Freire (1997), ao tratar a questão de busca da educação física pelo objeto de estudo, aponta como problema o fato de ter ela sempre vivido a empréstimo de outras ciências ou campos. O que não é novidade, pois, para qualquer pessoa que tenha lido o mínimo da história da educação física no Brasil, entende que ela não entrou no meio escolar por mera necessidade, mas por interesses muitas vezes inexplicáveis. Uma dependência que produziu não apenas supostos benefícios, mas também muitas dificuldades. Ou simplesmente o que diz Freire:

A Educação Física brasileira, filha natural do militarismo e filha adotiva da medicina higiênica, não consegue livrar-se dessa paternidade. Hoje, passadas as ditaduras e diminuídas as influências dos militares, quem cuidará da Educação Física? Talvez, daqui para frente ela só sobreviva se se fizer necessária. (1997, p. 209)

Mesmo apresentando um sucinto histórico da educação física no Brasil, com destaque na sua evolução histórica no meio escolar, nota-se as turbulentas reviravoltas, nessa batalha por transformação. Tanto que poderíamos até usar poucas palavras para descrever historicamente os primeiros passos da educação física na escola brasileira, perceba o que cita Soares (1994, p. 111) em relação a esta questão:

A Educação Física no Brasil, quando de suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora da saúde física, da higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição da raça.

Não significa que as batalhas por transformações foram em vão, pelo contrário isso só faz reforçar que ainda é preciso cobrar uma educação física escolar que apresente propostas pedagógicas onde se busque ultrapassar o que foi conquistado até aqui.

3 CAPOEIRA: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

A capoeira tem uma diversidade de fatores que vai influenciar na sua definição, ou melhor, na sua contextualização, pois também foi percebido nas colocações dos autores consultados uma forte relação dela com momentos socioeconômicos do país, o que pode variar o seu entendimento a depender do espaço e tempo que se refere; além também de não ter sido encontrado (nas consultas feitas) uma conceituação estável para ela.

Entre os autores, existe um consenso de que a capoeira é um patrimônio social e cultural historicamente constituído e que vem bravamente resistindo ao longo da história (Karniol, 2008). Mas além de considerá-la com manifestação cultural Abib (2005) diz ser a capoeira um rico manancial da humanidade, isso porque para ele, através da capoeira pode-se trazer para vida valores fundamentais como: a solidariedade, a igualdade, o respeito às diferenças, o compartilhar, o respeito à natureza, a cooperação, o equilíbrio, a humildade, a parceria, ou seja, segundo o autor a capoeira pode desenvolver todos esses valores que são necessários em qualquer momento da vida e quando adquiridos são duradouros.

Com um olhar mais filosófico, Silva (2003), nos aponta a capoeira como jogo, onde os golpes não são pré-definido e tão pouco as regras, pois estas vão se definir e redefinir a depender do contexto da roda de capoeira. Para o autor ela é: “[...] o jogo do improvisado, da espontaneidade, do alto e do baixo, do branco e do negro, do homem e da mulher, do idoso e da criança, enfim, o jogo as raças [...]”. (p.30)

Os autores Karniol (2008) e Abib (2005), falam da capoeira como uma manifestação cultural, intrinsecamente enraizada no histórico social do país, e para tentar conceituá-la nesse contexto, podemos dizer que ela abrange desde: uma dança, que os negros realizavam para se divertir ou fugir da realidade opressora no seu dia a dia de escravidão; ou uma luta, onde os mesmos utilizava a única arma que tinham seus corpos, para buscar sua liberdade; e até um esporte, que surgiu mais uma vez como meio de fuga da marginalidade e se difunde adquirindo

reconhecimento perante a sociedade; e atualmente, um jogo entre amigos, ou uma teatralização para divertir e encantar turistas (comercialização).

Enfim, a capoeira dentro da sua amplitude pode variar o conceito, sendo decisivos principalmente dois pontos: o uso que se faz dela, assim como disse Darido (2008); bem como o momento histórico, social e econômico, ou seja, a questão espaço-temporal. A capoeira pode ir além das colocações feitas, chegando a ser vivenciada como uma ideologia de vida por alguns.

São percebidos principalmente dois impasses que se respondido poderia facilitar uma definição para a capoeira, um: o fato de ela conter características da dança, luta e do jogo; e o outro trata-se da sua origem, que gira em torno da incerteza se africana, brasileira ou afro-brasileira. Duas questões em envolta da capoeira que são causadoras de opiniões distintas entre pesquisadores e/ou autores levando-os a compreensão de acordo com a visão que cada um tem sobre ambas as questões.

Por fim, é interessante conhecer a colocação de autores que não são especificamente da área da capoeira. A exemplo, Kunz (2006) que enquanto cultura, diz estar ela intrinsecamente ligada com o “se-movimentar” de um homem concreto e que busca a emancipação, a liberdade. Já Darido (2008) apresenta a capoeira com característica de várias manifestações, dentre ela a dança, luta, esporte, jogo, o ritual; e como foi dito anteriormente, para a autora o que definirá a característica que melhor se ajusta a capoeira, será apenas do uso que se faz dela.

Após as colocações sobre a capoeira, fica subentendido que para melhor entendê-la é necessário fazer um retrocesso na sua história, porque assim ela poderá ser compreendida de acordo com o uso que se faz dela dentro de um espaço e tempo. Então, para analisá-la e/ou descrevê-la é preciso investigar contextualizando-a historicamente. No próximo tópico será desenvolvido um rápido histórico, pontuando apenas alguns acontecimentos na sua trajetória que estão entrelaçados a outros fatos históricos. E no segundo tópico do capítulo percorreremos através desse empasse da capoeira ser dança, manifestação cultural, luta, esporte e como fica tudo isso na escola.

3.1 HISTORICIDADE: COMO TUDO COMEÇOU?

Com toda uma discussão quanto a sua origem, geradas principalmente pelas perguntas: a capoeira veio junto com os negros, trazidos da África? Ou surgiu nas senzalas, aqui no Brasil? Gera uma dificuldade de resposta precisa de como tudo começou. Ou mais precisamente onde tudo começou? Pois, ainda não há comprovação de que o surgimento da capoeira se deu no Brasil, tão pouco, ratificação de que sua origem seja totalmente africana. Pesquisadores buscam estudar e dar resposta a essa indagação, mas, Silva (2001, p.132), confirma apenas a incerteza sobre a origem da capoeira, dizendo:

[...] por enquanto, só há pistas sobre seu surgimento, nas quais vários historiadores, no decorrer dos tempos, vêm reescrevendo sua trajetória. Não há ainda uma data estabelecida ou um local que possa ser apontado como seu berço.

A autora ainda coloca que a concretude sobre a origem da capoeira, é que essa teve sua procedência aqui no Brasil, a partir do tráfico dos escravos, o que não necessariamente diz ser brasileira. Contudo, a grande maioria dos autores que tratam desse questionamento chega à conclusão de ser a capoeira de origem afrodescendente. Isso poder ser percebido com Silva (2003) ao se referir à origem da capoeira, ele, acredita que essa origem teve pelo menos seus primeiros sinais, no Brasil quando ainda Colônia, porém, trazida junto dos escravos que vieram da África a este país. Ou seja, embasando na fala de Silva (2003) nem na África, nem no Brasil, o que houve foi uma mesclagem do que existia na África, com incrementos de elementos desenvolvidos aqui no Brasil.

Há ainda outro ponto de vista sobre a origem da capoeira, levantada por Silva (2003) referindo-se à divisão ocorrida nela, que diz: “[...] para os “ortodoxos” (p. 68), a Capoeira Angola é denominada como afro-brasileira e a Regional, puramente brasileira”. Ele deixa a entender, ser esse, o pensamento de alguns capoeiristas. Uma afirmação que transmiti equívocos, visto que, a capoeira regional segundo

relatos históricos, teve sua base na capoeira angola, como poderia ser ela puramente brasileira?

Debater sobre esse ponto é caminhar em circulo, pois mesmo o que há de mais recente até o momento, sobre pesquisas na capoeira, ainda chega à mesma conclusão. Veja:

A dúvida sobre a origem da capoeira persiste. O mais importante não é superar essa controvérsia, mas compreender que o princípio da capoeira é africano, ou seja, trata-se de uma construção dos africanos e seus descendentes no contexto brasileiro, uma reelaboração da ancestralidade em outro tempo e lugar. (BRASIL, 2014, p. 87)

Já Abib (2004), compartilha da linha de pensamento da colocação de Silva (2003) e também de Brasil (2014); quando expõe: “[...] o “começo” – é brasileiro, mas o “princípio” – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano”. (ABIB, 2004, p.93) completa com uma visão que talvez seja a melhor atitude que deveríamos tomar diante dessa discussão. Cabe uma reflexão sobre essa fala:

O importante não é o começo – a data histórica não tem tanto interesse assim... mas sim o “princípio”: quais são as questões que a geraram e o que a mantém em expansão. Isto é: o conjunto de condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido. (ABIB, 2004, p. 93)

A citação de Abib (2004) situa que mesmo a indagação sendo importante, não deveria ser o centro das discussões; e expõem a relevância de buscar informações que sirvam não apenas para ratificar um fato, mas, elementos que venha a fornecer a compreensão do porquê a capoeira resistente bravamente se expandindo diante das adversidades enfrentadas. E que tais elementos sirva de base para fortalecê-la ainda mais.

Todas as dúvidas, que gira em torno da origem da capoeira, talvez tenha sido originada ou agravada, pela falta de documentos sobre os primeiros negros

escravos no Brasil. E Campos (2001, p.19) transfere a responsabilidade por tal fato, uma atitude tomada por Rui Barbosa:

Infelizmente, o Conselheiro Ruy Barbosa, quando Ministro da Fazenda do Governo Deodoro da Fonseca, mandou queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, achando que se tratava de uma mancha na história do país que deveria ser apagada.

Rui Barbosa mandou incendiar uma ampla documentação relativa a registros sobre a vinda e a vida dos primeiros negros escravos da época, argumentando ser a história da escravidão algo negativo e, portanto deveriam ser apagados os registros. Uma argumentação equivocada, pois ao realizar tal feito ele estava também exterminando documentos que continha registros da presença da cultura africana no Brasil; cultura esta que deixou marcas inapagáveis, até porque esse incêndio proposital dificultou, mas, não impedir a busca pela história da capoeira. Entretanto, se ainda existisse os documentos talvez amenizasse essas dúvidas.

Um episódio que poderia ser o motivo pela qual maioria de historiadores ou pesquisadores da capoeira dar um salto cronológico na história começando a falar de modo mais detalhado e profundo do histórico, somente a partir da capoeira de rua, quando já havia uma grande população de escravos libertos no Rio de Janeiro e Bahia; mencionado o período da escravidão das senzalas e quilombos de forma mais superficial.

Então, pontuados alguns lances satisfatórios para dar seguimento, nos deteremos a expor o período da escravidão, quando os negros sofriam violência e perseguição por seus senhores ou capitão-do-mato; momento quando a Capoeira começa como símbolo da resistência. Ela foi muitas vezes camuflada como dança, sendo acrescentado/adaptados a ela às cantorias e músicas africanas e afrodescendentes, para que assim pudesse ser praticada nas senzalas ou terreiros sem levantar suspeitas de estarem praticando lutas. Já que, a capoeira era a única e mais potente arma que os negros tinham contra as opressões dos senhores, utilizando-a como defesa de seus corpos e vidas. Lembrando que segundo relatos

os escravos urbanos demonstrava ter mais liberdade para se expressarem. Percebam o que diz Abib (2004, p. 97):

Vale frisar que nesse período, diferentemente do que ocorria com os escravos das propriedades rurais, os escravos urbanos (de obrigações “domésticas” ou os escravos “de ganho”) dispunham de certa autonomia para circularem livremente pelas ruas da cidade, mesmo nos períodos noturnos.

O que com certeza deveria facilitar a prática da capoeira e também uma maior exposição e divulgação da mesma na sociedade. Apesar disso, foi com a libertação dos negros (abolição), que então passam a viver a margem da sociedade urbanizada, sofrendo por falta de assistência, alimento, moradia, vítimas do preconceito e da discriminação racial, enfim, marginalizados; que a capoeira, passa a ser realmente exposta para sociedade; porém a imagem passada não foi positiva, isso porque: “Como uma prática predominantemente popular, a capoeira torna-se uma manifestação aglutinadora e organizadora de grupos que irão reivindicar, por meio da violência, seu espaço social”. (SILVA, 2001 p. 134).

Esses grupos formados por capoeiristas recebiam dos policiais da época o nome de “malts”; estes tinham rivalidade entre si e travam verdadeiras guerras nas ruas das cidades, buscando domínio político e espacial, transmitindo uma imagem de arruaceiros.

Em resumo: “Não só os conflitos entre soldados da polícia e escravos eram comuns nas ruas da capital, como também violentas disputas e rixas entre etnias rivais [...]” (ABIB, 2004, p. 98). Contribuição para que a sociedade tivesse uma visão negativa em relação à capoeira.

Esse momento turbulento da capoeira foi vivenciado de modo mais intenso em dois estados: Bahia e Rio de Janeiro, mas segundo Silva (2002) e Carvalho (2007) houve também registros de sua prática nas cidades de Recife e Belém. Em ao momento, precisamente 1890, a capoeira sofreu um duro golpe; após se acirrare as perseguições policiais, ela passa a ser contravenção a nível nacional e

então é enquadrada no Código Penal (CARVALHO, 2007). E em relação a esse fato Silva (2001, p. 135) traz uma colocação que nos faz pensar:

Essa perseguição nos faz refletir sobre o sentido adquirido pela capoeira naquela época. Pensamos que sua organização teria alicerces extremamente sólidos e que provavelmente ela passou a ser uma ameaça latente aos donos do poder, sendo, por este motivo, perseguida.

Devido o andamento histórico do país, o poder sente-se ameaçado, pelos movimentos e atitudes desenvolvidas pelos capoeiristas. Os detentores do poder percebiam o forte movimento de resistência que ocorria por meio dos grupos de capoeira, assim a melhor forma de controlá-los, era através da proibição. É importante frisar que mesmo sendo marginalizada, a capoeira não foi totalmente abolida; pelo contrário, passou a ser realizada as escondidas, passa a ser praticada nos morros de forma camuflada. Cabe a ressalva de que essa não foi a primeira vez que a capoeira entra em contravenção, pois com a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, o rei ficou preocupado em combater as ações dos capoeiristas e decretou a primeira proibição oficial da capoeira, aparecendo no Código Criminal de 1830, enquadrando-a como vadiagem e mendicância (CARVALHO, 2007).

É em meados a essa agitação, que ocorre a divisão da capoeira, passando a existir agora dois tipos: a capoeira angola e a capoeira regional. Segundo alguns pesquisadores essa separação se dar partindo do princípio de insatisfação de alguns praticantes da capoeira. Até então existia somente “a capoeira”. A capoeira angola recebeu tal nome devido grande parte dos escravos vim dessa região da África e teve como representante altivo o eterno mestre, Vicente Ferreira Pastinha ou simplesmente mestre Pastinha. Já Manoel dos Reis Machado ou mestre Bimba foi o idealizador e precursor da capoeira regional.

Campos (2009, p.53), em relação à divisão situa que:

A Capoeira Regional é uma manifestação da cultura baiana, que foi criada nos fins da década de 1920 por Manoel dos Reis Machado

(Mestre Bimba). Ele utilizou os seus conhecimentos da capoeira primitiva e da luta denominada batuque. A Capoeira Angola é uma manifestação primitiva que nasceu da necessidade de libertação de um povo escravizado, oprimido, sofrido e revoltado.

Mestre Bimba uns dos capoeiristas que demonstrava insatisfação em relação à capoeira, tanto que Campos (2009, p. 53) sanciona: “Todos os estudos sobre a Capoeira Regional apontam para uma insatisfação de Bimba com a prática da capoeira da época”. Ele estava profundamente incomodado com as característica que a capoeira estava adquirindo nas ruas, uma capoeira como jogo de amigos, com caráter folclórico, camuflada parecia uma apresentação de dança, perdendo o potencial de combate, partindo mais para o lado das apresentações culturais. Isso o incomodava e segundo Carvalho (2007, p. 55) precisamente: “[...] em 1928 criou a capoeira regional (Luta regional baiana)”.

Bimba almejava uma capoeira com reconhecimento, respeitada, valorizada perante a sociedade. Ele queria status para capoeira, ou nas palavras de Campos (2009, p. 53):

Bimba expressava uma preocupação marcante com a arte de capoeirar baiana, ou seja, de manter viva a essência original da capoeira como uma luta de resistência e, por esse motivo, desejava ver uma capoeira forte, contundente, viril e que mostrasse o seu valor em qualquer situação: na rua, no *ringue*, no confronto com a polícia etc.

Bimba criou as oito Sequências de Ensino, além de outros pontos como regulamentos, critérios tanto para entrar como para seguir do seu grupo, cuidadoso que era sistematizou e estruturou a capoeira de uma forma nunca vista antes. Alunos universitários passaram a frequentar sua academia (contribuindo muito na organização e divulgação) na verdade a capoeira passou a ser praticada por membros de várias classes sociais.

Bimba demonstrava preocupação com meios para o processo de aprendizagem da capoeira, tal qual que Bimba, buscava na sequência criada um

processo pedagógico que facilitasse o ensino aprendizagem da capoeira e fossem mais efetivos. O mestre acreditava que seu método tornaria o seu aluno pratico na capoeira em poucas aulas; pois segundo Bimba a sequência partia de movimentos simples para movimentos mais complexos, facilitando assim o aprendizado. Além de procurar promover esse processo pedagógico, ele continuava fervorosamente buscando forma de ascensão para reconhecimento à capoeira (CARVALHO, 2007).

Esse desejo de Bimba, ou como chama Silva (2002) a reinvenção da capoeira se encaixava perfeitamente, com contexto político- social que o país se encontrava, focado no nacionalismo, onde a educação física dentro da escola era meio para instigar o patriotismo da juventude, bem como meio para controle. É então, na visão de Silva (2003, p. 88) que: “A partir daí, a Capoeira será um dos meios pelo qual o Estado buscará realizar seus interesses, pois [...] os lutadores da capoeiragem serão inspiradores desta nacionalidade padrão de indivíduo de consciência militar”. Nesse contexto a capoeira passa a servir como ideologia nacional, além de ser visto como um esporte capaz de moldar corpos fortes e saudáveis.

Sintetizando, o que levou os primeiros envolvimento publicamente divulgados da capoeira, com a educação física no meio escolar, foram as preocupação e ambições de mestre Bimba em relação à capoeira, mais, os interesses de Getúlio Vargas para o nacionalismo e patriotismo. Fato que pode ter se ampliado durante o encontro de Bimba com seus alunos no ano de 1953, apresentando-se ao então presidente; representando a possibilidade ver realizados os desejos de ambos: ascensão da capoeira para Bimba e um método ginástico puramente brasileiro na visão de Vargas. Contudo, não é observado como ficou essa ligação: se foi concretizada ou não. Um ponto na histórica colocado por Silva (2002), ao falar do posicionamento de Fernando de Azevedo desqualificando a capoeira tanto como método ginástico, como esporte, deixa implícito que o evento não se concretizou.

A história da capoeira pontua algumas questões não tão claras, outras um pouco confusas. Uma trajetória com vai- e- vem, ora com glórias, ora não; mas como expõem Silva (2003), se não fosse essa mudança dinâmica transitório sendo

representativo espaço-temporal, talvez ela já tivesse se perdido ou estaria somente como história nos livros. E conclui: “Portanto, a capoeira ou o jogo de capoeira é o jogo inacabado de representações simbólicas que se estende desde seu mundo até o mundo social, político, e cultural dos homens” (SILVA, 2003 p. 135). E hoje, assim como relata Carvalho (2007) ela estar por toda parte.

Depois da sucinta trajetória histórica da capoeira, procuremos agora expor um pouco sobre as várias características dadas à capoeira e a relação capoeira/escola dentro dessa variada demanda de categorias. Para tal usaremos o próximo tópico.

3.2 CAPOEIRA - FORMAS DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL E OS ENLANCES COM A ESCOLA

Agora não é apenas uma relação África/Brasil. A capoeira não é somente ensinada, vivenciada, jogada no Brasil, tudo isso esta acontecendo em outros países. Muito diferente do que foi há séculos atrás, hoje ela estar difundida em vários países, tanto que: “Atualmente, é reconhecida mundialmente como patrimônio cultural da humanidade [...]” (BRASIL, 2014, p. 85). Diante de tamanha magnitude precisamos saber como está sendo vista as variadas concepções e/ou características dada à capoeira, ou seja, o que os autores colocam em relação à capoeira luta, capoeira dança, capoeira esporte, capoeira manifestação cultural; e ainda como fica as interligações entre estas e o meio escolar.

E para expor os aspectos contemplados ou dados à capoeira, será usado para embasar principalmente dois autores: Campos (2001, 2009) e Brasil (2014), contudo, se necessário for, haverá acréscimo de outros, para reforçar o dito ou para complementar.

Pra começar a capoeira na concepção de luta, que para Campos (2001, p. 23) representa: “[...] a sua origem e sobrevivência através dos tempos na sua forma

natural como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro”. O que não difere do colocado por Brasil (2014, p. 88), pois ambos ao se referir à capoeira como luta, traz uma visão dela no início da sua história aqui no Brasil:

O primeiro, mais evidente, é que a capoeira aparecia como uma forma de luta que utilizava o corpo como arma. Ou seja, a população negra escravizada construiu uma forma de defesa e de resistência que não era esperada e nem conhecida por seus opositores.

Eles não deixam expostas questões como a capoeira luta combate, com disputas de forma prática; lembram mais da capoeira luta na forma abstrata. A capoeira que resisti no tempo/espaço ou ainda combativa num período com diz Brasil (2014) onde o corpo era a única arma tida pelos negros; não a refere ao combate com competição. Mas nem Campos (2001), tão pouco Brasil (2014) deixam explícito se ela ainda hoje é vista como luta combate ou luta significando símbolo de resistência. Contudo, implicitamente é possível entender que os autores a veem como luta no sentido de ser ela ainda hoje representação de resistência.

Enquanto que autores como: Bonfim (2012), Castro Junior, Abib e Sobrinho (2000), Noronha e Pinto (2004), Palhares (2012), Hiene, Carbinatto e Nunomura (2009) e Castro Junior e Sobrinho (2002); ao falar de capoeira na escola, ou capoeira aplicada pedagogicamente; apontam que não se encaixa como luta combativa, no entanto, não deve ser deixada de lado, mas exposta apenas para compreensão da sua historicidade, afinal de contas ela passou por períodos onde era “luta”. Os autores mesmo aplicando-a através de oficinas ou projetos, mostram que: “No nosso entendimento não podemos conceber esta manifestação popular, ou qualquer outro conhecimento da cultura corporal, reduzindo-o ao domínio do gesto motor”. (NORONHA E PINTO, 2004, P. 132). Ou ainda a colocação de Hiene, Carbinatto e Nunomura (2009, p. 2): “[...] o processo de ensino exige muito mais conhecimentos, além do técnico”.

As colocações dos autores citados acima deixam a entender que não se deve reduzir a capoeira apenas a gestos motores, pois ela não pode ser representada somente nos movimentos e tão pouco é produtivo transformar as

escolas em ringues para se treinar técnicas de capoeira. Não é promissor se prender no meio escolar à esse aspecto de luta combativa.

A capoeira vista como dança, se dar pelo fator da musicalidade, ritmo, e também pelos gestos que muitas vezes soa como uma coreografia, envolta numa teatralização, enfim arte. Brasil (2014) nos faz entender que essa concepção dada à capoeira será um princípio fundamental para: “[...] redescoberta da expressividade afro-brasileira que se transmite por meio da movimentação, da música e do jogo”. (p. 2). E ainda completa que esta envolve a corporeidade, musicalidade e sociabilidade elementos que fazem parte da formação humana. Já Campos (2001, p.23) acrescenta a este termo a palavra “arte”; e se enquadra como dança por causa: “[...] música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal, criatividade de movimentos [...]”. Perceba quão enriquecedor é esse aspecto da capoeira, veja o quanto de elementos é conjugado a essa visão da capoeira e a possibilidade de diversidade oferecida por esta dentro da escola. Será que o simples fato de trabalhar a expressão corporal não contribuiria no desenvolvimento da criança?

Capoeira entendida como manifestação cultural é aquele tipo de concepção que só nos remete àquela que anualmente é vista em algumas instituições escolares, ou seja, no dia da consciência negra, ou ainda a trabalhada teoricamente em algumas disciplinas da escola. Que também pode ser entendida como a “capoeira folclore”, tanto que Campos (2009) ao mencioná-la traz com a nomenclatura de “folclore”. Percebe o que ele entende em relação a esta:

“[...]” é uma manifestação popular que preserva as tradições culturais de um povo, retratando, nas sociedades civilizadas, a história da escravidão do negro, seu modo de vida, seus cantos, suas lendas, suas crenças, seus rituais, suas músicas e expressões corporais “[...]” (CAMPOS, 2009, p. 92).

Quando Campos (2009) fala da capoeira representada numa manifestação popular vai remeter a uma capoeira que aconteceu um dia, mas que não existe mais, como se o acesso a sua existência fosse possível somente através da oralidade, onde somente os mestres de capoeira pode transmiti-la ou textos nos

livros. Castro Junior, Abib e Sobrinho (2000) nos trazem uma colocação que transmite uma manifestação viva, existente e com possibilidade de aplicação, mesmo que na visão deles seja apenas nas rodas de capoeira, mas facilmente pode ser transportada para uma roda de reflexão histórica na escola:

Portanto, estamos considerando a CAPOEIRA como uma expressão popular presente no contexto cultural da sociedade brasileira, que tem inúmeras nuances e possibilidades, e que materializa-se a partir do jogo na roda de capoeira. (CASTRO JUNIOR, ABIB E SOBRINHO 2000, p.160)

Há autores que a essa denominação atribuí também a palavra corporal, ficando: capoeira manifestação cultural corporal, o que muda e muito o sentido dado à capoeira, pois com essa denominação ela passa a obter um dinamismo que não é tão percebido na exposição de Campos (2009). Em relação a isso Palhares (2012 p. 6-7) exibiu: “Atualmente, a capoeira, enquanto uma manifestação da cultura corporal se apresenta como um veículo de transmissão de valores sociais e culturais, através do diálogo (linguagem) corporal”. Ou seja, fica expressa a necessidade da oralidade, que é um recurso pedagógico amplamente usado nas aulas; significando uma forma que não foge ao ambiente escolar.

Já a capoeira na concepção de esporte, teve seus primeiros passos dados no contexto histórico do governo de Getúlio Vargas, em conjunto com as pretensões que mestre Bimba tinha em relação à capoeira. Que para Carvalho (2007, p. 38) equivale: “[...] um passo rumo a sua ascensão sócio-desportiva-cultural”. Mas Jaqueira e Araújo (2013, p. 1) dizem que:

O primeiro regulamento desportivo da Capoeira, denominado “Regulamento Técnico de Capoeira” (RTC), surgiu na sequência de algumas alterações nos cenários político, social, jurídico e desportivo brasileiro, e no âmbito da própria modalidade.

Foi uma trajetória de revés para finalmente, segundo Campos (2001, p. 23) tê-la: “Como modalidade desportiva e institucionalizada em 1972 pelo Conselho

Nacional de Desportos [...]”. A partir daí ela passaria a ter competição, estabelecendo treinamentos físicos, técnicos e táticos. O autor ainda nos alerta, que mesmo sendo uma capoeira esportivizada, não é sinônimo de excluí-la do meio escolar, contudo, lembra que se deve manter a referência educativa á capoeira, sustentando uma ação pedagógica centrada, por exemplo, nos princípios científicos do treinamento desportivo; sem perder os princípios sócio-educativos.

O interessante é que mesmo havendo essa divisão de caracterização ou elementos dados à capoeira, se observarmos uma é complemento da outra, vista que para ela se desenvolver por completo no meio escolar vamos precisar do conjunto. E compartilhando do pensamento de Campos (2001) é preciso lembrar que isso tudo deve ser passado aos alunos, sem a intenção de formar capoeiristas, mas, de iniciá-los no conhecimento e prática dessa gigante, chamada capoeira. A até porque existem outros elementos característicos da capoeira que não foram explanados aqui, entretanto, Campos (2001; 2009) as menciona; com, por exemplo: a capoeira lazer, a capoeira filosofia de vida. E especialmente uma que não poderia deixar de ser citada: a “capoeira educação”. A capoeira da escola, ou pelo menos a que almejamos para o sistema educacional. E esta acaba englobando todas as demais que aqui foram referidas. Ela:

Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade, e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um auto-conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidade e limites. (CAMPOS, 2001, p. 23)

Inserir o conhecimento capoeira na escola como conteúdo, não é simplesmente a transposição dela para o meio escolar, pois muitas vezes o que acontece é o que narra Castro Junior (2002), quando ela é aplicada, é realizada reproduzindo as mesmas práticas usadas nas academias ou grupos de capoeiras, sem um trato pedagógico condizente com o espaço escolar.

De acordo com Darido (2008) a escola contribuir para a formação crítica no aluno, logo, a escola é propícia para desenvolver a capoeira, não apenas como

reproduções de movimentos, mas sim de uma forma que ela possa atender aos requisitos de assimilação, reflexão, compreensão e crítica a sociedade. Então, é preciso elaborar uma capoeira pedagogicamente favorável ao meio escolar. Enquanto a isso Castro Júnior (2000, p. 167) coloca que:

Um processo pedagógico que se utiliza da capoeira como tema privilegiado no âmbito da escola, seja como conteúdo da aula de Educação Física, seja como componente de um projeto curricular envolvendo outras disciplinas, tem condições de reunir todos os elementos indispensáveis à formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade que cerca o aluno [...]

Uma constatação evidenciada durante as consultas realizadas foi que para alguns autores a Educação Física é uma disciplina que apresenta inúmeras possibilidades de se trabalhar o conhecimento capoeira, constituindo-a assim como uma prática pedagógica, atuante no currículo formal, representando uma forma diferente de democratizá-la como conteúdo da educação física escolar. (PALHARES, 2012; CASTRO JUNIOR, 2000; SILVA, 2011).

Prontamente, a capoeira é um rico conteúdo da humanidade, assim como tantas outras manifestações da cultura popular brasileira e possuidora de valores fundamentais para a existência humana (ABIB, 2005); como também, segundo Palhares (2012) colabora com a inclusão social. É um leque de contribuição a oferecer para o aluno.

Então, embasado nos autores consultados, entende-se que ao falar dessa divisão: capoeira luta, dança, manifestação cultural e esporte; eles a coloca como elementos característicos dados à capoeira, o que não significa a existência de várias capoeiras, mas uma abrangendo vários elementos diferentes, o que a torna mais enriquecedora.

Portanto, cabe aqui concordar com o que diz Eduardo Oliveira ao prefaciar a obra de Silva (2003) ao relatar que é muito complexo dizer que a capoeira é isso ou aquilo diante da sua longa história, o que a torna gigantesca e segundo palavras do próprio: “Aquilo que é gigantesco é mais difícil de se observar pelo inteiro”; logo, quando não conseguimos compreender a capoeira por completa, tentamos

fragmentá-la em luta, dança, manifestação cultural ou esporte. Assim, depois de observar as colocações dos autores sobre as diversas características dadas à capoeira, precisamos pensar formas mais criativas, interessante que melhor possa aproveitar toda a pluralidade que ela disponibiliza.

Além do que é de extrema importância, entender que a relevância não estar nessa divisão de elementos e/ou características da capoeira, mas que ela deve ser apresentada e trabalhada num todos, ou seja, cada um desses elementos é necessário e relevante, a questão primordial é não deixá-las fora do âmbito escolar.

Importante mesmo é compreender que através do ensino da mesma pode-se trabalhar diferentes questões, até porque a sua pluralidade permiti e possibilita tal feito. Procurando superar os obstáculos existentes, pois mesmo havendo pesquisas que levantem indicativos negativos em relação às culturas afro descentes na educação, existem também apontamentos para possibilidades que se abrem e se ampliam pelo Brasil a fora em se tratando dessa mesma cultura negligenciada no meio escolar (FRANK, 2007). Uma forma de amenizar tal negligência é inseri-la o mais cedo possível, porque quanto menor a faixa etária, melhor disposição pra absorver as diferenças, assim como diz Frank (2007, p.53): “[...] as crianças nascem abertas à diversidade, sem preconceito [...]”.

Como vimos até aqui, capoeira, escola, educação física e infância, pode ser uma junção aonde contribuições significativas podem aflorar. Vimos também, principalmente nesse último paragrafo, que quanto mais cedo incluí-la maiores serão as possibilidades de contribuição, que pode ir da formação ao desenvolvimento de aspectos fundamentais para os alunos. Mas, como respaldá-la como conteúdo curricular? Como conferir as possibilidades pedagógicas da capoeira no âmbito escolar? Essa discussão fica para o próximo capítulo.

4. ENSINO FUNDAMENTAL I E CAPOEIRA: LEGISLAÇÃO E PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Apresentar-se agora algumas colocações sobre o ensino fundamental I na educação, bem como sua relevância para infância. Este ensino é considerado determinante para a vida da criança; uma afirmação que necessita de informações ratificando a responsabilidade que lhe é atribuída.

O ensino fundamental tem obrigatoriamente nove anos de duração e, é disponibilizado em instituições de ensino público e privado; deve ser iniciado segundo a legislação com crianças de seis anos de idade e tem como objetivo central a formação básica do cidadão (BRASIL, 1996). Esta é uma etapa do ensino que tem uma função crucial para as crianças, pois a faixa etária atendida neste ciclo está num momento ótimo para a aprendizagem (GRESPLAN 2002), logo, se ocorre uma estimulação no momento certo, maior será a efetividade da aprendizagem para o indivíduo. Aprendizagem como: o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social; isso porque as crianças do ensino fundamental I encontram-se no período básico para desenvolver os aspectos citados acima.

É neste ciclo de ensino que ocorre uma transição muito importante na vida da criança, a fase quando ela passa do universo dos jogos simbólicos para o universo das regras. Costa (2014, p.7) vem precisar que:

No primeiro ciclo do ensino fundamental existe a função da transição que se processa entre as brincadeiras de caráter simbólico e individual para as brincadeiras sociais e regradas, os jogos e as brincadeiras privilegiados serão aqueles cujas regras forem mais simples.

Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino fundamental I em educação física determinam como objetivo, que ao final do primeiro ciclo, os alunos sejam possibilitados de: "Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações de cultura corporal presentes no cotidiano" (BRASIL, 1997, p. 47). Destacam também a importância de ser desenvolvidas nesse ciclo

habilidades como: correr, saltar, arremessar, rolar, bater, rebater, receber, amortecer, chutar, girar; e desenvolver as capacidades físicas; podendo ser propiciadas através dos jogos, lutas, brincadeiras e danças. As atividades aplicadas nesse período devem seguir uma sequência pedagógica, partindo de atividades mais simples, para atividades mais complexas (COSTA, 2014).

Diante do exposto acima fica evidenciada que o período do ensino fundamental I, é um momento importantíssimo para o desenvolvimento infantil, o que vem a ratificar que esse é um tempo categórico na vida de uma criança, portanto essa é uma etapa do ensino que requer maior atenção, definindo prioridades e procurando sempre melhorias. Lembrando que a educação física entra nesse período com um importante e essencial papel, pois, ela vai procurar focar todos os aspectos, pensando no aluno como um ser humano integral, que tem um corpo envolto nas dimensões psicológicas, cognitivas, motoras, afetivas e sociais (GRESPLAN, 2002).

É nesse momento que a inclusão ou não da educação física vai fazer toda a diferença no desenvolvimento infantil, uma diferença não apenas na parte motora, mas sim no desenvolvimento integral. A confirmação para tal afirmação é percebida nas palavras de Betti e Zuliani (2002, p. 76):

Na primeira fase do Ensino Fundamental (1º a 3º/4º anos), é preciso levar em conta que a atividade corporal é um elemento fundamental da vida infantil, e que uma adequada e diversificada estimulação psicomotora guarda estreitas relações com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança [...].

O importante com essa rápida explanação sobre o ensino fundamental I, é entendermos que ele atente a uma faixa etária que está num momento determinante para o desenvolvimento, onde estes necessitarão não apenas de nutrientes para seu crescimento físico, mas precisarão também de estimulação para desenvolver todas as áreas que contribui na formação. Ressaltando que em qualquer que seja a fase de ensino há a necessidade de se conhecer o processo de desenvolvimento do indivíduo, porque este estar ligado à essência da educação. E também serve de

base para a educação física (GRESPLAN, 2002). Ou seja, os conteúdos propostos para o ensino fundamental I estão estruturados de acordo com esse processo.

Foram colocadas algumas questões sobre o ensino fundamental I e a importância dele na união com a educação física no desenvolvimento da criança. Agora procurar-se entender a perspectiva de legislação pedagógica que respalda a inserção do conhecimento capoeira como conteúdo pedagógico.

4.1 LEI 10.639/03 E A CAPOEIRA

A Lei 10.639/03 surge como uma alteração à Lei 9.394/96, LDB (Lei de Diretrizes e bases Nacionais), ficando estabelecida as diretrizes e bases da educação nacional a inclusão obrigatória no currículo oficial da rede de ensino a temática: História e Cultura Afro-brasileira (FRANK, 2007). A alteração ocorreu nos artigos 26-A, 79-A e 79-B, entretanto, merece destaque o artigo 26-A; contudo, este não modificou muito textualmente do que existia, visto que, a alteração determina agora para os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, quer seja público ou particular a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira, segundo Frank (2007). A alteração realmente percebida no texto da Lei, se dar no § (parágrafo) 1º do artigo 26-A, que diz:

O conteúdo programático a que se refere o **caput** desse artigo incluirá o estudo da História e Cultura da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil. (FRANK, 2007, p. 103).

O texto do artigo citado acima embasa e deve ser o foco do interesse tratado agora, pois, representa uma possível alternativa de introdução do conhecimento capoeira como conteúdo pedagógico, visto que, o texto não menciona explicitamente a capoeira; imediatamente, aproveitar-se da flexibilidade permitida pela brecha deixada, já que, não há clareza quanto a especificação textual. Há uma deixa nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) em relação a essa questão, quando se

refere à colocação da importância de uma abordagem da diversidade étnica. Contudo, o termo “obrigatoriedade” do ensino da História e Cultura da África e dos africanos, surge na Lei 10.639/03, logo, temos o favorecimento para desenvolver uma capoeira (mesmo não explicita) atendendo os ditos no artigo 26-A § 1º, pois agora temos no corpo do texto a palavra “obrigatório”.

No entanto, é conveniente e importante abrir alguns parágrafos aqui para entender como se deu o processo até alcançar a efetivação da Lei 10.639/03. Entender como ocorreram as discussões, insatisfações e buscas, até chegar a um direcionamento preciso para o meio escolar.

E para tal, Santos (2007), traz um trajeto com fatos relevante nesse processo. O que pode ser entendido na produção da autora é que tudo se iniciou em torno da luta contra o racismo, através de movimentos negros de resistência as opressões sofridas pelos negros no mundo de forma geral. Para Santos (2007) começou desde décadas do início do século XX, com movimentos apoiados por jornalistas da época. Contudo, com o crescimento da militância passou a sensibilizar também pesquisadores que nos anos 50, 60 e 70 já tinham obras que apresentava indicativos da desigualdade entre brancos e negros na sociedade brasileira.

A autora lembra-nos de como é relevante ações como essas, pois somente ao serem expostas indagações e argumentações desses grupos ou movimento, fez com que a história se movesse de forma dinâmica envolvendo passado e presente, para construir um futuro diferente. Resultando em ações que impulsionaram à concretização de leis como a Lei 10.639/03, percebam sua fala:

Ações afirmativas como a Lei Federal 10.639/03, com certeza, vem em resposta à luta do movimento negro que, no Brasil, vem desde a resistência do africano para preservar sua cultura em solo brasileiro, passando pelos quilombos, pelas irmandades, pela Imprensa Negra no início do século XX e pelo movimento negro contemporâneo. (SANTOS, 2007, p. 32)

Três fatos são apontados como importantes para a concretização da legislação: o primeiro, em 1995, ano da comemoração do tricentenário de Zumbi dos Palmares, houve uma marcha política que exigia do governo uma pauta de políticas

públicas efetivas de combate ao racismo; no ano seguinte, em 1996 o governo FHC (Fernando Henrique Cardoso) lançou o seu Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) e neste apresentou políticas públicas específicas a grupos historicamente excluídos como os negros, indígenas e outros, procurando com isso amenizar a desigualdades existentes nesses grupos; e em 2001 com III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, ocorrida em Durban (África do Sul), o governo federal assumiu o compromisso de promover políticas de ações afirmativas direcionadas à população negra.

E mesmo após todos esses atos, concretizando-se na Lei 10.639/03 como forma de conhecimento e valorização da história dos negros; pode não significar garantia de nada, pois a fala de Santos (2007) não é apenas um fato, mas verdades em algumas realidades escolares:

As conquistas sociais observadas nas ações governamentais são as respostas de anos de mobilização negra e de outros movimentos sociais, todavia, a transformação das reivindicações em leis, conquista inegável, não garante a sua prática. (p. 19)

Depois do avanço na busca pelo reconhecimento, valorização e respeito a toda história do negro, a Lei que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, não traz no seu corpo textual especificação sobre a capoeira, mas, deduz-se que: se a capoeira por fazer parte da história e cultura do negro, também esta incluída nessa obrigatoriedade na escola. Então, cabe agora ao professor procurar possibilidades de ação concreta para a educação física com atuação a partir dos conflitos e contradições da lei (GRESPLAN, 2002) promover aulas que integralize os conhecimentos aludidos no 1º § do artigo 26-A, referido aqui no início desse texto.

Destacando que nos é apresentada mais um entrave, pois a legislação não menciona o desenvolvimento desse conteúdo na educação física. Percebam o que é colocado no § 2º do artigo 26-A em relação a isso:

Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (FRANK, 2007, p. 103)

Mas está aí mais uma lacuna deixada pela Lei 10.639/03, no ato de interpretar o seu texto, a oportunidade de entender que: se ela fala de “história e cultura negra”, logo, a capoeira estar intrinsicamente incluída; se fala em, “especial nas áreas...”, ou seja, isso não significa que a educação física estar vetada.

Porém, mesmo não sendo tão precisa textualmente, devemos levar em consideração que essa legislação, assim como relata Santos (2007) é um enorme passo, que significa uma grande oportunidade de se desenvolver mudanças necessárias, o que dependerá de atitude, de ações de professores interessados. Sendo a partir de então, responsabilidade encarar que o:

“[...]” desafio é propiciar outros momentos de reflexão, aprendizado e parceria para, assim, transformar em processo pedagógico a Lei 10.639/03, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para inserir a história da África e dos afro-brasileiros no currículo escolar e no contexto brasileiro, ainda permeado por severas discriminações. (SANTOS, 2007, p.12)

As culturas negras, bem como as culturas afro-brasileiras, deveria estar incluída em todos os currículos das escolas brasileiras, resgatando as contribuições de uma história totalmente correlacionada com a história do Brasil; pois, assim como diz Bonfim (2012): “A capoeira é fruto dessas práticas culturais, advém de referenciais negros e de trocas simbólicas fortemente marcadas pelas condições de vida desumanas as quais o negro no Brasil foi submetido”.

O que não pode continuar ocorrendo é que essa riquíssima cultura seja deixada de fora do meio escolar, quer seja pelas brechas permitidas pela legislação ou por omissões de profissionais descompromissados com educação. É preciso refletir sobre o que diz Frank (2007, p. 47), não dar mais para continuar: “na negação dos valores ligados à história e à cultura de base africana [...]”.

Outro obstáculo encontrado parte do fato de que na maioria das realidades escolar o professor que ministra as aulas do ensino fundamental I, é um professor polivalente; e por causa de algumas burocracias extras (que não cabe discutirmos agora), nos deparamos com mais uma complicação em se trabalhar o conhecimento capoeira no âmbito escolar. Veja o que pensa Bonfim (2012) em relação a essa questão:

Esta situação faz com que seja difícil a introdução generalizada da oferta da capoeira ao nível das escolas, pois se, por um lado, aqueles que estão habilitados a educar (professores de educação física) não estão habilitados para ensinar capoeira: por outro aqueles que estão habilitados para ensinar capoeira (capoeiristas formados num contexto extra-educacional) não estão habilitados para educar ao nível escolar.

No entanto, este empecilho de o professor não está habilitado a ministrar aulas de capoeira, ou disponível; a barreira pode ser amenizada de uma maneira embasada também na lei. Observe e reflita o que é dito após algumas alterações ocorridas nessa legislação, que resultou na Resolução nº1, de 17 de junho de 2004, artigo 4º:

Os sistemas e estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com os grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros [...] com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino. (FRANK, 2007, p. 106,)

Esse artigo nos traz mais uma oportunidade de se sobressair de outro impedimento colocado; até porque as palavras desse artigo não parece estarem se referindo a buscar auxílio apenas uma vez ou outra, algo esporádico; o que leva a concluir estar se referindo a um trabalho contínuo. Essa parceria deve se firmar na construção e execução de um currículo respeitador da cultura negra como um todo e por todo o período letivo. E não apenas subsídios e trocas em apresentações extremamente momentâneas, que geralmente ocorrem com os eventos no dia 20 de novembro, dia intitulado como o dia da consciência negra.

Cabe colocar que a mais recente alteração na legislação nesta área resultou na Lei 11.645/08 que trata da cultura indígena, visto que, seus costumes têm igual valor a culturas de outros povos, mas, que não contavam com um respaldo legal para inclui-la no meio escolar. Após essa alteração passou a ser obrigatório tanto o ensino das manifestações das culturas afro-brasileiras, como também as indígenas. Ficando o texto oficial da Lei da seguinte forma:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). (BRASIL, 1996)

Após as colocações feitas sobre a Lei 10.639/03; fazem-se necessárias uma reflexão sobre alguns pontos: primeiramente o fato de seus primeiros passos, mais direcionados ter ocorrido segundo Santos (2007), desde os anos 1970 (com reivindicações do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas e universidades); mas, mesmo com década de existência, somente em 2003 consegue promulgação da Lei 10.639/03; estando em vigor uma legislação com obrigatoriedade. O que não necessariamente significa-a na prática. Mas é óbvio se tratar de uma grande conquista, um avanço inegável. Todavia, a priori é como diz Santos (2007) o nosso desafio é propiciar momentos de reflexão para, assim, transformar em processo pedagógico a Lei 10.639/03; no mínimo isso.

Entretanto, a preocupação que fica é que diante da explanação feita aqui, percebe que a legislação deveria ser os meios facilitadores, mas nem sempre desempenha essa função e também a demora nos tramites para sua concretude.

4.2 CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Discutiu-se bastante sobre a importância que o ensino fundamental I, possui para vida da criança, e como o acréscimo da educação física neste ciclo, pode proporcionar ganhos infindáveis para um desenvolver-se integral durante a infância. Então nos deteremos à necessidade de analisar como o conhecimento capoeira pode atender aos requisitos pedagógicos em meio a essa fase crucial da criança, se associaria a educação física, contribuindo significativamente no processo de desenvolvimento e formação do indivíduo.

Vale ressaltar que mesmo sendo um período escolar que envolve muito a questão do desenvolvimento na infância (cognitivo, afetivo, motor e social), não será prioridade aqui, a discussão sobre essa temática; pois, o foco é expor o que é colocado PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) para ser aplicado ao ensino fundamental I e a partir disso analisar as possíveis contribuições que a capoeira pode proporcionar relacionando-a como os PCN's.

É preciso ainda esclarecer que a discussão baseia-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Educação Física no ensino fundamental I; por ser ele um documento oficial, norteador de questões que vão desde os objetivos aos conteúdos propostos para se desenvolver neste ciclo. Sendo usado como referência e apoio para se planejar as aulas no ensino referido; tanto que segundo Brasil (1997) os PCN's, auxiliar a construção e efetivação dos trabalhos com as crianças do ciclo escolar, objetivando o domínio necessário para que estas desempenhem seu papel na sociedade.

Antes de iniciar as exposições, é válido lembrar questões importantes sobre as crianças atendidas neste ciclo. Como por exemplo: "Na primeira infância, a ação corporal ainda predomina sobre a ação mental". (FREIRE, 1997, p. 76); um pensamento compartilhado por outros autores como Boulch (1982) que coloca em destaque a importância da pedagogia do movimento, ele ainda acrescenta que se devem levar em consideração as necessidades essenciais das crianças e também discute a importância das atividades ter características lúdicas; já os PCN's, coloca

que as crianças desse ciclo estão num período onde necessitam muito do movimentar-se. Logo, conclui-se que a educação física deve ser desenvolvida com elementos lúdicos; e em relação à ludicidade Leme (2010) diz:

“[...]” é uma atividade que propicia uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis. Com tudo, brincar, jogar, agir ludicamente falando, exige uma entrega absoluta de nós seres humanos, do nosso corpo e da nossa mente ao mesmo tempo. (LEME, 2010, p.32)

E para tal deve ser contemplada uma diversidade de experiências, que venha a atender desde atividades organizadas individualmente como também coletivas, ajustando-se de acordo com as necessidades de aprendizado das crianças. Lembrando que isso não significa que a atividade lúdica será um simples brincar, pois Leme (2010, p.31) complementa: “A ludicidade não está apenas restrita ao jogo ou à brincadeira, implica uma maior intensidade, um envolvimento maior com o sujeito, ou seja, um encontro com ele mesmo”.

Até porque é um equívoco pensar que a educação física contribui apenas para o desenvolvimento da parte motora da criança, pois para Roncuni (2013), a educação física neste ensino deve focar seus objetivos no desenvolvimento psicomotor, isso porque um bom desenvolvimento psicomotor irá ser de extrema importância para outras áreas, como por exemplo, contribuir de forma geral na aprendizagem escolar. Goulart (1983), Marco (1995) e Grespan (2002) partilham da ideia, que é necessário um desenvolvimento integral da criança; e ainda segunda a autora cabe à escola o papel de ensinar em todos os sentidos e não somente o adquirir conhecimentos e habilidade intelectual e sim, uma união dos domínios cognitivos, motor, afetivo e social.

A partir de então, já uma podemos expor a capoeira relacionando-a aos PCN's como um meio facilitador no processo de desenvolvimento integral da criança, pois ela pode ser aplicada atendendo as características lúdicas das atividades e também poderá contribuir nos campos motor, cognitivo, afetivo e social, visto que, assim como menciona Hiene, Carbinatto e Nunomura (2009), a capoeira

integra uma diversidade de movimentos, musicalidade, ritmos, instrumentos, história, tradições, rituais; através dos quais podem colaborar no desenvolvimento integral.

Frisando que no texto aparecerá tanto ensino fundamental I, como primeiro ciclo do ensino fundamental, pois o primeiro é a nomenclatura usada mais recentemente, e a segunda é como ainda se refere os PCN's a esta fase do ensino.

É indicado como conteúdo pelos PCN's: "desenvolvimento das capacidades físicas durante os jogos, lutas, brincadeiras e danças." (BRASIL, 1997, p. 49). Trabalhar esse conteúdo significa proporcionar às crianças, meios para desenvolver capacidades físicas como: flexibilidade, força, agilidade, coordenação, equilíbrio, velocidade. Segundo Marco (1995) essas habilidades não podem ser aprendidas, contudo, são educáveis, ou seja, elas podem ser desenvolvidas ou adquiridas durante a vida, porém o desenvolvimento dessas habilidades ainda na infância é essencialmente propícia e importante, pois:

Entre 07 e 10 anos de idade, as crianças se encontram no período que se denomina Idade de Ouro da Infância, pois é a fase em que a aprendizagem de habilidades motoras está no auge do seu potencial de desenvolvimento, um período considerado crítico para a aprendizagem motora. (HEINE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2009, p.3).

Campos (2001) relata que a capoeira é capaz de desenvolver todas essas habilidades através de seus fundamentos. Na parte prática da capoeira podem ser trabalhadas as capacidades físicas através: da exigência de alongamento, movimentação constante, da exigência de boa elasticidade muscular e também articular, saltos e saltitos, variação de plano de alto/baixo, movimentos rápidos e potentes, mudança rápida e efetiva de direção, movimentos executados com destreza e velocidade, velocidade de reação, reflexos aprimorados e movimentos coordenados, dentre outros. Ele acrescenta que essas capacidades podem se desenvolvidas na capoeira de uma forma natural e até espontânea; o que vem a ratificar possível ludicidade da capoeira podendo estimular essas capacidades físicas de forma lúdica.

Cabe ao professor buscar aplicar a capoeira enfatizando as características lúdicas através de movimentos naturais do cotidiano da criança.

O que traz a tona mais um ponto posto pelos PCN's nas atividades aplicadas às crianças do ensino fundamental I, referindo-se às habilidades comuns do cotidiano delas, como por exemplo, o correr, saltar, bater, chutar, girar, dentre outras, que devem ser exigidas durante os jogos, lutas, brincadeiras e danças; e que pode ser uma maneira da capoeira contribuir vivenciando-a de forma prazerosa.

É preciso lembrar aqui, que o fato de serem propostas atividades com características lúdicas, remetendo ao cotidiano das crianças; não significa que serão atividades soltas, sem planejamento, sem objetivos nomeados, pelo contrário. E utilizando palavras de Freire (1997), se fosse isso não haveria necessidade de escolas e tão pouco de professores, pois, isso as crianças fazem independente do local ou da presença de um adulto. O autor acredita que o papel do professor, é criar no aluno condições de desequilíbrio apresentando o novo, o desconhecido.

Relembrando o que foi dito anteriormente, se pode esquecer que pedagogicamente o processo de ensino deve ocorrer das aprendizagens simples para as mais complexas, habilitando o aluno a atingir níveis gradualmente.

A capoeira pode atender prontamente a outro conteúdo de ensino estabelecido pelos PCN's, onde diz nesse ensino a criança deve ser possibilitada a: "participação em diversos jogos e lutas, respeitando as regras e não discriminando os colegas" (BRASIL, 1997, p. 48). A capoeira é uma atividade que pode ser realizada num universo sem distinção de categorias, porque participam dela: crianças, adolescentes, adultos, idosos e pessoas com deficiências; e o melhor não há separação entre idade, já que as crianças podem participar com idoso ou com adulto, ou com elas mesmas (independente da idade); não há divisões de categorias.

Já em se tratando de regras, devemos lembrar que as crianças do ensino fundamental I, principalmente as das series iniciais, estão numa faixa etária que corresponde ao período de transição da vivencia de jogo simbólico, para jogos com

entendimento de regras, ou como relata Goulart (1983), ao falar de estágio de desenvolvimento expõem segundo teoria piagetiana, que são crianças que já passaram pelo estágio sensório- motor (de 0 a 18 ou 24 meses); e estão no final do estágio objetivo-simbólico (de 2 a 6 ou 7 anos), transitando para a próxima fase que é o operacional concreto; ou seja, as crianças desse ensino estarão no final da primeira infância e:

O final da primeira infância caracteriza-se por um ajustamento cada vez maior ao que chamamos de realidade. A intermediação entre os símbolos e a realidade concreta se dá pela atividade corporal. (FREIRE, 1997, p. 69)

Essa é uma etapa que merece atenção redobrada, já que, como menciona Brasil (2014), regras não ensinam puramente as regras de um jogo, mas também estará incluso aí uma concepção de mundo e condutas éticas importantíssimas. E trazendo essa questão para a capoeira pode ser percebido:

“[...]” o ingresso na prática coletiva da capoeira não se encerra na roda: a forma de aprendizagem e o desenvolvimento das regras e princípios consistem na produção de uma conduta própria dos praticantes do jogo, e definem o que é ser um bom capoeirista. Algumas regras devem ser consideradas *fundamentos*, porque descrevem a ética na capoeira. (BRASIL, 2014, p. 94)

Fundamentos ou valores que podem ser vivenciados no universo da capoeira; a lealdade pode ser trabalhada numa discussão em relação à conduta no jogo, que mesmo parecendo uma disputa deve-se manter a integridade do colega; ou ainda as regras que giram em torno da reverência aos mais velhos, estes tem um reconhecimento pautado no respeito, podendo ser representado pelo mestre responsável entre outras coisas pela transmissão dos saberes, da oralidade; além também da boa e necessária regra do saber ouvir, observar e aprender; ainda podem ser mencionadas as regras de convivência, que devem ser prontamente esclarecidas, tanto na capoeira, como na escola, estabelecidas principalmente entre as relações adulto/criança e também criança/criança. Por fim, estas e tantas outras

regras têm possibilidades de serem trabalhadas através da capoeira segundo Brasil (2014).

Se estender a questão, acolherá a mais um ponto colocado pelos PCN's que é: "discussão das regras dos jogos" (BRASIL, 1997, p. 48).

Lembrando que na inclusão ou discussão dessas regras deve-se levar em consideração fatores como: a faixa etária e a maturidade das crianças, e buscar sempre uma linguagem simples e clara, facilitando a compreensão e absorção delas pelas crianças.

Outro assunto levantado é que esse ensino possibilite aos alunos: "participação em atividades rítmicas e expressivas" (BRASIL, 1997, p. 49). As atividades desse tipo, não são puramente formas de extravasar, tanto que Boulch (1982, p. 107) coloca: "A experiência rítmica vivida com seus próprios movimentos ajusta-se aos dados do espaço e deve ser mantidas através do trabalho de percepção temporal". Ou seja, o ritmo está associado a outras demandas importantíssimas no desenvolvimento das crianças, como a percepção espaço-temporal. E ainda segundo Bouch (1982) a associação da voz ao movimento vai permitir ao aluno além de uma identidade rítmica, também um ritmo motor através da ligação dos movimentos do corpo aos sons musicais.

Atividade rítmica e expressiva é concretude certa na capoeira, visto que, ela está envolta numa musicalidade, o que possibilita o desenvolvimento de tais elementos através dela. Para Campos (2001, p.132) a capoeira é rica de movimentos carregados de ritmo e expressão e esses não ficam somente envolvidos nos movimentos, pois: "[...]" os alunos que participam da "roda" não apenas jogam, como se revezam, participando da banda e coro, tocando os instrumentos e cantando".

Esse ritmo pode ser trabalhado tanto nas músicas cantas, como no experimento ou vivência de tocar os instrumentos (bandeiro, atabaque, berimbau, reco-reco, agogô e outro); além disso, sentir as alterações de ritmos nos diferente tipos de toques da capoeira (São Bento pequeno, cavalaria, ladainha e outros),

como também expressa-se através das letras das músicas, discutindo a historicidade da capoeira ou dos negros; ou seja, a criatividade em relação a isso é o limite. Sem mencionar a importância da complexidade coordenativa quando se consegue tocar e cantar ao mesmo tempo.

E aproveitando esse ritmo e expressividade da capoeira, quer seja com os movimentos, cantorias ou com os instrumentos, pode ainda atender a mais duas indicações dos PCN's como: "acompanhamento de uma dada estrutura rítmica com diferentes partes do corpo"; ou permitir aos alunos: "participação em brincadeiras cantadas". (BRASIL, 1997, p. 49). É importante trabalhar na capoeira a musicalidade e seus instrumentos, proporcionando também ambientes favoráveis a mais dois pontos extremamente fundamentais para as crianças no ensino fundamental I, que é a sociabilização e interação; o que na verdade a capoeira vai disponibilizar na sua vivência dela como um todo.

E se por ventura, o jogo não desenvolver dentro do universo lúdico com a teatralização, se os ânimos se alterarem; é o momento exato para se por em prática mais um conteúdo: "resolução de situações de conflito por meio do diálogo, com a ajuda do professor" (BRASIL, 1997, p. 48). A capoeira passa ser um meio para discussões em grupo sobre o vivenciado, evoluindo assim para outra forma diferente de aprendizado, permitindo uma metodologia com participação direta do aluno:

Este momento deve ser utilizado pelo professor para que o encaminhamento da atividade seja resultado da discussão entre as pessoas envolvidas que terão a oportunidade de voz voto, exercendo, assim, a sua cidadania no jogo da escola, recriando o jogo da vida. (CASTRO JÚNIOR, 2002, p. 93-94)

Após uma aula prática de capoeira pode ser (desde que respeitando a maturidade das crianças e recorrendo sempre a uma linguagem simples) levantadas questões fisiológicas; uma forma para que as crianças tenham uma percepção básica do seu corpo, o professor pode pedir que eles observem alguns aspectos nos seus corpos, mediando, instigando-os ao: "reconhecimento de algumas das alterações provocadas pelo esforço físico, tais como excesso de excitação, cansaço,

elevação de batimentos cardíacos, mediante a percepção do próprio corpo”. (BRASIL, 1997, p. 49).

Incluindo assim mais um conteúdo determinado pelos PCN's nas suas aulas. Um momento que possibilitaria ao aluno o amadurecimento transcorrendo de construção simples para uma mais complexa; uma situação com base na zona de desenvolvimento proximal, conceito elaborado por Vygotsky (JUNIOR, 2002, p. 95). Em relação a essa zona Freire (1997, p.192) diz: “A última hipótese levantada, de acordo com o conceito de zona de desenvolvimento proximal, é a que não espera o desenvolvimento chegar, mas “empurra” a criança para ele”.

Após os expostos acima fica evidenciadas que capoeira pode contribuir significativamente no desenvolvimento global da criança com base nos requisitos propostos pelos PCN's da educação física para o ensino fundamental I, ratificando assim a possibilidade da conexão dos três: capoeira, educação física e ensino fundamental I. Podendo ser afirmado: “A capoeira é uma modalidade extremamente rica em recursos pedagógicos, pois seu contexto relaciona elementos corporais, rítmicos, musicais, históricos e culturais”. (HEINE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2009, p.3).

É preciso compreender que a capoeira não é uma solução mágica, pois para contribuir quer seja na coordenação, no equilíbrio, na afetividade, na socialização, na cognição, enfim, uma contribuição global, é preciso interesse, trabalho árduo e muita criatividade na sua aplicação.

Claro que, ao falar de capoeira como conhecimento e prática devemos lembrar o que diz Noronha e Pinto (2004, p. 128): “[...] é imprescindível que seus aspectos teórico-práticos sejam considerados de forma integrada e em co-dependência em relação aos aspectos subjetivos”. Então, porque não ser aplicado nas aulas de educação física o conhecimento capoeira no ensino fundamental?

Mas, reforçando, que deve ser levado em consideração o que Grespan (2002) ao colocar que o conhecimento adequado do desenvolvimento dos vários aspectos do comportamento da criança é imprescindível, pois sem este torna-se

complicado conduzir qualquer conteúdo pedagógico. Lembrando que levando em consideração a tese piagetiana:

“[...]” o desenvolvimento é um processo seqüencial marcado por etapas é a tese de que, embora a seqüência do desenvolvimento seja a mesma para todas as pessoas, a cronologia é variável de pessoa para pessoa. (GOULART, 1983, p. 19)

Frisar que diante de tudo que foi exposto neste capítulo reforça a confirmação a citada desde o início que: o ensino fundamental I trata-se de uma etapa de ensino decisivo para o desenvolvimento na infância; pois nesta fase serão aprendidas questões cruciais que serão levadas para vida inteira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é nada fácil alcançar coerência entre o que queremos explicar e o que realmente escrevemos, contudo, as expectativas postas na pesquisa foram atingidas, embasando nas consultas realizadas faz-se uma exposição de determinados resultados efêmeros e arrematados a partir das colocações dos autores. Sendo, a principal finalidade analisar as contribuições do conhecimento capoeira na prática pedagógica nas aulas de Educação Física do ensino fundamental I; alcançada, pois escolhendo como base os conteúdos propostos pelos PCN's, constatou-se que o conhecimento capoeira pode contribuir como recurso pedagógico colaborando no desenvolvimento global da criança, desde que levado em consideração às fases de desenvolvimento na infância. Evidenciando a relevância integral da capoeira na educação física no ensino referido, se analisada e contextualizada de maneira (teórica e prática) e de forma continuada.

Também foram realizados os objetivos específicos ao apresentar considerações históricas da educação física; conseguindo expor fatos que remete aos caminhos históricos da educação física no meio escolar, ajudando na compreensão de influências enraizadas durante sua trajetória. Já as considerações sobre a história da capoeira reforçaram a importância de ter na escola uma capoeira por completo, indo desde seu histórico e passando pelos impasses característicos que a ela é atribuído como: luta, dança, jogo, esporte, enfatizando maior produtividade como um todo, do que fragmentada. Além de relatar respaldo legal como alternativa para implementá-la como conhecimento através da Lei 10.639/03 no meio escolar.

E em relação ao problema da pesquisa, obteve resposta significativa, pois o estudo resultou intencionalmente, em um apanhado de autores com abordagens pedagogicamente distintas, contudo, não foram utilizados para se oporem em ideias, mas elucidar, através das suas colocações que independente da abordagem ou concepção pedagógica, é possível se desenvolver um trabalho pedagógico com a capoeira. Porque a amostragem conclui que a capoeira pode cumprir prontamente a tarefa pedagógica, contribuindo com a formação ou desenvolvimento das crianças atendidas no ensino fundamental I. Cooperando significativamente nos aspectos

motor, cognitivo, afetivo e social da criança; desde que seja contextualizado de maneira (teórica e prática) e de forma continuada, pois ela detém elementos que vão desde corporais, rítmicos, musicais, culturais a elementos históricos.

Sendo conclusiva a contribuição da capoeira no meio escolar; propõem-se maior aprofundamento em dois pontos que merecem atenção sobre o tema discutido: o primeiro diz respeito aos textos ambíguos, sobre possibilidade de respaldo da capoeira na escola, ou seja, a lei. O segundo refere-se à questão de vários autores exibirem certa preocupação a respeito da estereotipagem negativa concluída em alguns estudos em relação às culturas afrodescendentes, logo, dentre estas a capoeira.

Antes de finalizar as considerações, ficam aqui indicações de leituras, onde poderão colaborar com informações, bem como conclusões próprias sobre o tema. A obra de Hélio Campos (2001) “Capoeira na escola”, que além de todas as informações importantes, apresenta a partir da sua experiência na escola com a capoeira, possibilidades concretas. Outra opção é a obra de Dayton Moita de Carvalho (2007), intitulada de: “Proposta metodológica do ensino da capoeira: a capoeira ao seu alcance”. São livros com ilustrações precisas e linguagem simples. Além das duas obras citadas, há também uma produção recente na área, titulada como: “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil”, MEC Brasil (2014), que traz a capoeira num todo, com detalhes de como aplicá-la na educação infantil; um excelente material pedagógico voltado para formação iniciada e continuada de professores, que apresenta o Projeto Espaço Griô e o Projeto Capoeira; ambos trabalham com dimensões do desenvolvimento presentes na educação infantil, como a oralidade, a corporeidade, a musicalidade, o ritmo e a sociabilidade.

Por fim, é preciso lembrar que mesmo que se tente trazer uma explicação ou compreensão sobre determinado objeto é impossível esgotar o assunto. Então, o que nos resta é a expectativa que essa pesquisa traga, reflexões sobre a temática levantada, inquietando alunos, professores, poderes públicos... Enfim, a sociedade sobre o valor do conhecimento capoeira na escola; e que instigue novas produções sobre o assunto transcorrendo a teoria, com pesquisas averiguando a prática, essencialmente na realidade local.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU. Salvador: EDUFBA, 2005. 244 p.

_____. _____. Campinas, SP. UNICAMP/CMU. Salvador: EDUFBA, 2004. 244 p.
Disponível em:

<http://www.capoeiravadiacao.com/attachments/204_Capoeira%20angola,%20.pdf>.
Acesso em: 10 fev. 2013, 22:13:45.

BAHIA, Secretaria da Educação e Cultura. Departamento de ensino. **Educação Física: Diretrizes curriculares para o ensino fundamental**. Salvador, 1994.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Roberto. Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 1, Número 1, pp. 73-81, 2002. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/.pdf> >.
Acesso em: 27 mar. 2014, 15:37:12.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BONFIM, Genilson César Soares. A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. [2012?]. Disponível em:
<<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.>>. Acesso em: 17 jun. 2013, 19:11:32.

BRASIL, **Presidência da República Casa Civil**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96. Brasília, 1996. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 17 fev. 2013, 21:11:32.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014. 144p. Disponível em:
< <http://unesdoc.unesco.org/.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2014, 14:11:32.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf> >. Acesso em: 28 maio. 2013, 14:11:32.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009. 306 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2013, 15:10:12.

_____. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001. 153p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013, 16:24:12.

CARVALHO, Dayton Moita de. **Proposta metodológica do ensino da capoeira: a capoeira ao seu alcance**. Salvador- BA, 2007.

COSTA, Martha Benevides. Educação física escolar: as possibilidades do movimento. **Revista Digital EFDeportes**. Buenos Aires - Año 10- Nº 86 -Julio de 2005. Disponível em:< <http://www.efdeportes.com.htm>>. Acesso em: 25 maio 2013, 22:45:35.

COSTA, Eduarda Cosentino. A Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a aula é proporcionada? Por quem? O que se desenvolve e o que realmente se deve desenvolver? **Revista Digital EFDeportes**. Buenos Aires - Año 18- Nº 190 - Marzo de 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/.htm>>. Acesso em: 25 maio 2013, 21:21:35.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DARIDO, Suraya Cristina. . **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 91 p.

FRANK, Marcon; SOGBOSSI, Hippolyte Brice (Org.). **Estudos africanos, história e cultura afro-brasileira: olhares sobre a Lei 10.639/03**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007. 108 p.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOULART, Iris Barbbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 1983.

GRESPLAN, Marcia Regina. **Educação física no ensino fundamental: primeiro ciclo**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

HEINE, Vinícius; CARBINATTO, Michele Viviene; NUNOMURA, Myrian Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade. **Revista digital Pensar a Prática**. 12/1: 1-12, jan./abr. 2009. Disponível: <<http://www.revistas.ufg.br>>. Acessado: 20 maio 2014, 14: 07: 23.

JAQUEIRA, Ana Rosa; ARAÚJO, Paulo Coêlho. Análise praxiológica do primeiro regulamento desportivo da capoeira. **Revista digital Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 31-53, abr/jun de 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br>>. Acesso em: 02 abr. 2014, 22: 34: 15.

JÚNIOR, Luís Vitor Castro; SOBRINHO, José Sant'anna. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.23, n.2, p.89-103, 2002. Disponível: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em: 17 maio 2013, 10:09:21.

JÚNIOR, Luís Vitor Castro; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers; SOBRINHO, José Sant'anna. Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar. **Revista Motrivivência**. Ano XI, n2 14, Maio/2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/index>>. Acesso em: 22 abr. 2013, 17:42:18.

KARNIOL, Vanessa. **Capoeira: uma história de vida**. 2008. 48p. Universidade Estadual de Campinas (UNICAP), Campinas, SP, 2008.

KUNZ, Elenor (org.). **Didática da educação física 1**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 160 p.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Manina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

BOULCH, Jean Le. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. Trad. Por Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre: RS: Artes médicas, 1982. 220 p.

LEME, Caroline Pereira dos Santos. **A importância da inserção da educação física no currículo das séries iniciais do ensino fundamental I: uma perspectiva lúdica**. 2010. 44 p. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Jacobina. 2010.

LIMA, Antonio Carlos et al. **A importância do jogo na educação infantil**. 2012. 47p. Universidade do Estado da Bahia. Jacobina. 2012.

MAGALHÃES, Carlos Henrique Ferreira. Breve histórico da educação física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e idéias de tendências. **Revista da Educação Física/UEM**, Vol. 16, No 1 (2005). Disponível em:<<http://periodicos.uem.br/>>. Acesso em: 10 out. 2013, 10: 43: 13.

MARANHÃO, Diva Nereida Marques Machado. **Ensinar brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 4. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2007. 128 p.

MELO, Diogo Marques de; SOUZA, Tiago Antonio de; SILVA, Bruno Emmanuel da. O conceito/olhar da Educação Física Escolar para alunos e professores: refletindo sobre suas diversas faces. **Revista Digital EFDeportes**. Buenos Aires - Año 15 - N° 148 - Septiembre de 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 14 maio 2013, 17:55:37.

MARCO, Ademir de (org.). **Pensando a educação motora**. 2. ed. Campinas,: Papyrus, 2001 172p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza(org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

NORONHA, Flávia Dayana Almeida; PINTO, Rúbia-Mar Nunes. Capoeira nas aulas de educação física: uma proposta de intervenção. **Revista digital Pensar a Prática**. 7/2: 123-138, Jul./Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/index>>. Acesso em: 26 mar. 2014, 10:07:49.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense. 2008 (Coleção primeiros passos: 79).

PALHARES, Leandro Ribeiro. Capoeira e Projetos Sociais. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012**. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/.pdf> >. Acesso em: 28 jan. 2013, 23:16:43.

PEREIRA, Raquel Stoilov; PICCOLO, Vilma Leni Nista; SANTOS, Sheila Aparecida Pereira dos. A educação física nas séries da fase inicial do ensino fundamental: olhar do professor polivalente. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 20, n. 3, p. 343-352, 3. trim. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/>>. Acesso em: 15 maio 2013, 20:32:46.

RONCUNI, Vanessa bastos; RAMOS, Marines. Brincando na escola: aulas de Educação Física dirigidas e não dirigidas no ensino fundamental. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Año 18 - Nº 179 - Abril de 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 15 maio 2013, 21:37:54.

SANTANA, Wagner Santos; SILVA, Jorjeval Marciel. A capoeira no âmbito escolar: um conteúdo extracurricular. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Año 17 - Nº 169 - Junio de 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 15 maio 2013, 20:43:29.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Negras imagens. mídias e artes na educação infantil: alternativas à implementação da lei 10.639/03**. 2007. (Volume 10 da coleção Eles têm a cara preta). Disponível em: <<http://www.usp.br/.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2013, 09:56:31.

SCARPATO, Marta (org.). **Educação Física- como planejar as aulas na educação básica**. São Paulo: Avercamp, 2007. p.184

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SILVA, José Milton Ferreira da. **A Linguagem do Corpo na Capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint. 2003.

SILVA, Paula Cristina da costa. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. . **Revista Brasileira Ciências Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez. 2011.

Disponível: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>>. Acesso em: 05 abr. 2013, 14:02:45.

_____. **A Educação Física na roda de capoeira ... entre a tradição e a globalização**. 18 de outubro 2002. 248 páginas. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas: SP, 2002. Disponível em: <<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/fef/archive.php>>. Acesso em: 05 abr. 2013 14:27:08.

_____. Capoeira e Educação Física-uma história que da jogo...primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira Ciências Esporte**, v.23, n. 1. p. 131-145, 2001. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>>. Acesso em: 22 abr. 2013, 16:25:13.